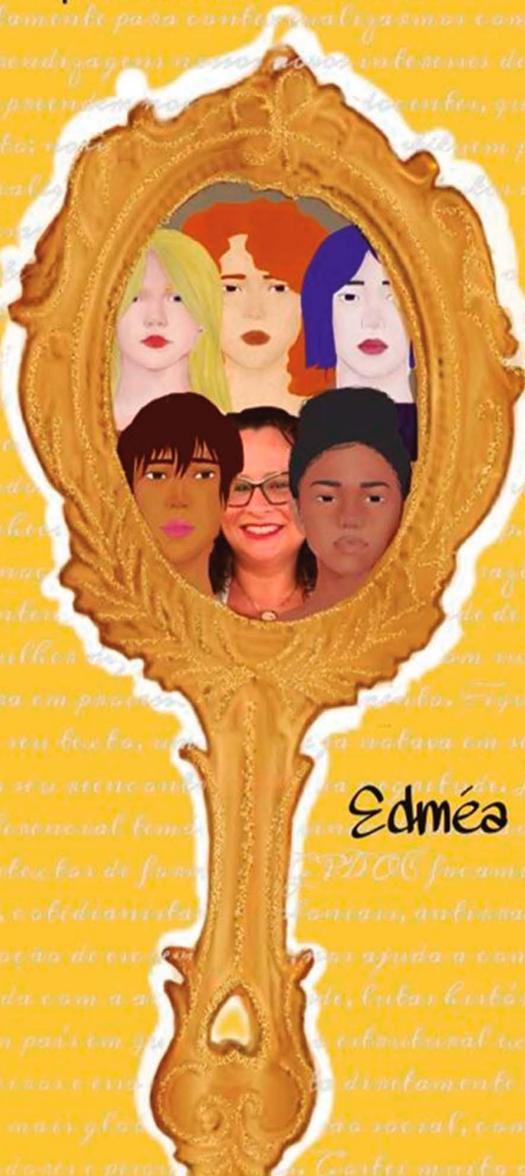


ESCREVIVÊNCIAS CIBERFEMINISTAS E CIBERDOCENTES

Narrativas de uma mulher durante a
pandemia Covid-19



Edméa Santos

 Pedro & João
editores

**ESCREVIVÊNCIAS CIBERFEMINISTAS
E CIBERDOCENTES**

**Narrativas de uma mulher durante a
pandemia Covid-19**



Pedro & João
editores

Edméa Santos

**ESCREVIVÊNCIAS CIBERFEMINISTAS
E CIBERDOCENTES**

**Narrativas de uma mulher durante a
pandemia Covid-19**



Pedro & João
editores

Copyright © Edméa Santos

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Edméa Santos

Escrevivências ciberfeministas e ciberdocentes: narrativas de uma mulher durante a pandemia Covid-19. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 192p. 14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-5869- 636-0 [Impresso]

978-65-5869-668-1 [Digital]

1. Escrevivências. 2. Ciberfeminismo. 3. Ciberdocente. 4. Narrativas.
I. Título.

CDD – 370

Criação da arte da capa: Nina Silva

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/ Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/ Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2022

**Para Nina Sofia, meu amor maior,
menina sabedoria, minha florzinha**

SUMÁRIO

Prefácio de Ana Lúcia Gomes (UNEB)	9
Apresentando nossas escrituras de uma pandemia	19
1. #livesdemaio... Educações em tempos de pandemia	31
2. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença? #livesdejunho.	57
3. Ciberfeminismo em tempos de pandemia Covid-19: lives (trans)feministas	77
4. "Pole dance": entre preconceitos, invenções ciberfeministas e educação online	99
5. Letramento racial para todas as pessoas! Inclusive para cientistas ...	117

6. O ensino híbrido como “a bola da vez”: Vamos redesenhar nossas salas de aula no pós-pandemia?	139
7. Eu, a beleza e a Márcia Tiburi. E por quê não falar em sapatos?	157
8. Visual storytelling no Instagram: para cineclubes e clubes de leituras de, com e para mulheres.	165

PREFÁCIO

Ter sido convidada para prefaciar a obra autoral da professora-pesquisadora, Edméa Santos, minha referência e de muitas e tantas gentes, minha amiga querida, foi um misto de alegria, surpresa e honra. Profissional que cotidianamente produz movimentos cartográficos fecundos, autorais e da ordem da artistagem, imprimindo à sua professoralidade uma marca, uma singularidade, uma diferença que o sujeito produz em si em devir, aqui concebida como nos inspira Marcos Villela (2016), é um convite-desafio a pensarsentir¹, pois pensar é experimentar, problematizar, criar, quebrar fronteiras e se pôr ativamente no mundo em busca de produzir o inédito.

Nesta obra intitulada “ESCREVIVÊNCIAS CIBERFEMINSITAS E CIBERDOCENTES”, Edméa Santos nos brinda com outras formas de presencialidade no conjunto de oito capítulos que ampliam, tensionam, provocam e apresentam uma com-posição de conceitos e percepções dos sujeitos diversos acerca das lives. Ela as defende e conceitua como “artefatos curriculares, dispositivos e disparadores de ensino, pesquisa e formação” No capítulo 1 nos apresenta #LIVESDEMAIO... EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA, tomando a conversa como dispositivo,

¹ As expressões grafadas junto sem dicotmoizar são fruto da inspiração de Nilda Alves.

pois a conversa por sua horizontalidade, proximidade, acolhimento e empatia, troca de experiências provocada pela dialogicidade, potencializa distintos pontos de vista, e problematiza conceitos que nos são muito caros na pesquisa em educação, já que objetivamos com nossas pesquisas, sobremaneira, intervir no mundo de modo mais humano, como estética da existência.

De modo competente e destemido, narra o contexto geopolíticohistórico marcado por contingências e inflexões de ordens diversas, implica produzir narrativas (auto)cartográficas em fluxo, nas distintas formas e modos de habitar a docência-formação, para vir a ser o que não vinha sendo, sendo portanto, múltipla, numa escrita encarnada na vida, na leitura crítica de quem se autoriza a escrever, a liveviver, ciberfeminizar, em docênciaciber, num mergulho atento do contexto pandêmico que marca o mundo e consequentemente nossas (re)existências.

No conjunto das lives de maio os destaques são para os conceitos de *Educação a distância - EAD, ensino remoto e educação online*, apontando de modo assertivo a diferença teórico-metodológica das noções supracitadas. Nas lives seguintes, discute sobre *o currículo praticado na pandemia, à luz da Base Nacional Comum Curricular*. Este tema tem sido objeto de debates e disputa de narrativas, sobretudo por trazer à lume, o apagamento da diversidade na BNCC, o caráter prescritivo e monocultural de um país pluriétnico e pluricultural. Num tempo em que o direito de cátedra é desrespeitado e as perdas de direito se configuram como um sombrio retrocesso, é imprescindível este debate revestido de

uma luta coletiva. A autora destaca o tratamento do uso das tecnologias digitais na BNCC de forma crítica, atenta para a autoria dos praticantes nos currículos em atos.

No girar das rodas de conversa em formato de *lives*, traz ainda a discussão teórica e metodológica sobre *metodologias ativas e a sala de aula invertida na educação online*, atravessadas pelas densidades da pandemia debate a democratização da EAD na educação superior e nos diz das adversidades do online em tempo real e da construção de uma ética relacional numa educação que efetivamente aposta na interatividade e comunicação todos-todos e todes.

Na *live sobre metodologias ativas e a sala de aula invertida na educação online*, problematiza de modo apropriado as metodologias ativas e suas incompatibilidades teórico-metodológicas, ao considerarmos o fenômeno da cibercultura, no que tange à horizontalidade, à interatividade e ao engajamento como princípios do desenho didático que prima pela co autoria entre todos/as, considerando a experiência na elaboração coletiva do conhecimento, haja vista que a cibercultura é da ordem do rizoma, a-significante e a-centrado em que não há centralidade na figura do professor nem na do estudante. O que nos interessa é o encontro como acontecimento, numa cartografia das multiplicidades, um hipertexto vivo de nossas práticas, em constante produção e reescrita colaborativa.

Nas mesas redondas toma a experiência como formação nos convoca a refletirmos sobre o desperdício da mesma e nos provoca para não apenas discursar sobre inclusão, diversidade, formação docente

na/com/pela diversidade, mas, sobretudo, a sermos docentes ativistas das práticas e processos educacionais na cultura digital.

Somos, pois, suscitados a tensionar a concepção de diversidade e educação e os acionarmos como radicalidades ontológicas produzindo textos multimodais, discursos e referências desses múltiplos resultados da imersão híbrida em tempos de pandemia, e vivermos a diversidade que nos interpela como sujeitos de direito. E nesta esteira de preocupações, com uma educação que com o espírito do nosso tempo, as demandas dos sujeitos da contemporaneidade nos convocam para novas conversas em rede.

Na nova conversa sobre o currículo e a formação docente, os dilemas foram tecidos na perspectiva da pedagogia da pergunta freireana e giraram em torno de respostas múltiplas para a educação online, na comunidade científica de aprendizagem, articulando elementos heterogêneos como saberes e coisas, inteligências e interesses, não podendo ser compreendida como uma totalidade fechada, dotada de contorno definido, mas sim, como um todo aberto.

O bloco final das *live* de maio de 2020 encerram o capítulo 1, apresentado os potenciais da educação online e das tecnologias e linguagens digitais, as produções autorais e co autorais, cujas narrativas plurais são tecidas como potência e concebem o sujeito como composto, com identidades flexíveis, abertas, híbridas, bricoladas em que os sujeitos mutantes e fabricados se movimentam no campo educacional dando às *lives*

tonalidades diversas, tanto quanto são os sujeitos lançados no mundo e os temas que as mobilizaram.

Para encerrar o capítulo, e abrir outras conversas que emergem no capítulo 2, o faço parafraseando Susana Beatriz (2011), quando nos diz que o segredo “é olhar outra vez o que foi apenas olhado”. Faça, pois, caros/as leitores/as, nova imersão nas *lives* aqui apresentadas como pistas e lastros, olhando outra vez para um tempo presente, que amplia presenças virtuais, mas não menos intensas, nem menos afetuosas, apenas diferentes, acolhendo a todos/as/es na utopia esperança freireana sem medo de analisar a realidade educacional em tempos de pandemia, reconhecendo limites, potencialidades, problematizando e (re)inventando nossas práticas pedagógicas nas dobras de um devir - outro. Afinal, como nos convida Deleuze (1995) a pensar, o que é uma vida senão uma virtualidade? Ela é feita de virtualidades, acontecimentos, singularidades.

No capítulo 2 a autora nos apresenta as lives temáticas de junho mescladas de palestras e conferências iniciando com sua experiência na Uerj dialogando de modo fecundo com o que nos apresenta Jorge Larrosa, (2011), acerca da experiência, pois esta implica, deslocamentos, depende de uma escuta sensível, um olhar caleidoscópico, sobre a realidade e sua prática pedagógica, desconfiando de verdades produzidas sobre a docência com/como ensino, pesquisa e extensão; tensionando pontos cristalizados e endurecidos do conhecimento arbóreo, apresentando possibilidades para produção autoral de uma educação online, quer na educação presencial quer na EAD.

Ao longo dos demais textos a produção do conhecimento pedagógico é concebido como conhecimento científico autoral e a experiência como formação, sem deixar de tensionar os prós e contra da EAD mercadológica, das condições objetivas do trabalho docente, e conseqüentemente, da sua precarização e da exaustão que abate toda a categoria, sobretudo pelo isolacionismo que ainda marca a atuação dos docentes, (des)veladas pela pandemia. As reflexões apresentadas se mostram cada vez mais urgentes e atuais em tempos de incertezas e adoecimento da categoria docente, que vem sendo recorrentemente aviltada e desrespeitada em seus saberes-fazer e suas distintas experiências por distintos discursos que circulam na mídia e nas redes sociais.

Foi efetivamente o coletivo da educação que de modo próprio e apropriado se lançou na parrésia, realizando o desenvolvimento profissional em distintas formações, atuando e experienciando efetivamente a co-docência, a curadoria de temas, (re)desenhando suas salas de aula, aprendendo a planejar junto, partilhando experiências, numa formação em com-posição, desafiados pela pandemia a descolonizarmos pensamentos, como docentes militantes, num movimento constante de si, e dos afetos que compõem os sujeitos.

Neste movimento nômade e fluido, a autora, adentra em temas sobre avaliação formativa na educação online, dispositivos e interfaces para avaliar a aprendizagem online, desenho didático interativo, saberes para a docência online, comunicação síncrona e assíncrona na didática online, entre outros. Isso implica, despir-se e ir ao encontro do outro, expor-se num

movimento formativo e auto formativo, estar aberto para atualizar conceitos aprendendo novos modos de se constituir docente sempre em processo de vir a ser o que não estava sendo, [...] “ é movimento *de ida* porque a experiência supõe um movimento de exteriorização, de saída de mim mesmo, de saída para fora, um movimento que vai ao encontro com isso que passa, ao encontro do acontecimento”(LARROSA, 2011, p. 3).

Novos encontros nos esperam no capítulo 3 da obra, com focos no combate às notícias falsas, *fake news*, nos multiletramentos críticos na cibercultura e o ciberfeminismo, este último, se caracteriza pelo protagonismo de mulheres na cibercultura e vem sendo o espaço em que se tem explorado cartografias e experimentações metodológicas nos espaços híbridos da rede, cujo alcance nos auxilia a dar visibilidade e circularidade as narrativas disruptivas, de um espaço digital que também é marcado pelo controle e vigilância, mas que de modo inventivo e estratégico, apresentam e narram as expressividades dos feminismos contemporâneos, tido como de quarta onda, na cibercultura, a fim de expandir os modos de expressão dos corpos e das sexualidades de mulheres e de transexuais.

No contexto das pesquisas e estudos realizados pela autora e seus pares (trans)feministas, é destacado o ciberfeminismo como um fenômeno da cibercultura. Dentre os temas do capítulo 3 a autora faz uma imersão nos multiletramentos críticos, nas discussões de beleza, das tensões e preconceitos sobre “pole dance”, e nos presenteia com suas práticas e (re)desenhos da sua sala de aula, e de como realiza um movimento de textos

multimodais e multiseimióticos para seres disparadores dos debates e escritas, e nos apresenta o “Visual storytelling no Instagram: para cineclubes e leiturasclubes de, com e para mulheres”, para nos dizer de modo muito claro, ético e potente, que a cibercultura é para elas/eles, estudiosas/os e pesquisadoras/es, há mais de duas décadas, um conjunto de práticas, experiências e invenções na relação cidade-ciberespaço.

Apresenta-se como uma habitante andarilha das cidades e como aprende, educa-se e se reinventa com/nas cidades, rastreando pistas disparadoras para novas aulas, novas conversas e novas pesquisas. Nos presenteia com narrativas imagéticas, textuais e multiseimióticas na ubiquidade com/na cibercultura nos convoca a desfazer mapas, dessacralizar verdades em direção a processos de criação e singularização. Diz-nos que os dispositivos móveis de comunicação nos acoplam cotidianamente aos mais atuais dispositivos tecnológicos com os *smartphones*, *kindle*, *tabletes*, dentre outros.

Edméa Santos narra sua experiência de vida- formação e nos apresenta sua trajetória de pesquisa na cibercultura como uma professora-pesquisadora que se lança junto em território e em movimento. Uma produção do conhecimento implicada, engajada, que não separa a posicionalidade autoral tão necessária diante dos achados da pesquisa, das notícias lidas. Ela nos mostra modos de fazer e pensar a pesquisa com ensino-extensão, como modos de estar no mundo, um *ethos* diante da realidade lida, analisada, problematizada, sem professar verdades, e sim,

tomando de assalto os conceitos, autorizando-se a ampliar, rasurar, reler e (des)ler.

Faz uma bricolagem teórico-epistemológica e metodológica e realiza agenciamentos, abrindo-se à passagem de novos afetos e linhas de fuga, como devires que produzem o inédito. O livro é resultado de acontecimentos que a interpelam e a fazem continuar pensando e narrando a si, à medida que narra o outro. Um trabalho de escutas, num hibridismo entre vozes, imagens, melodias e ritmos, na qual as experiências narradas de dentro e por dentro são tidas como possibilidades de traduzir sentidos plurais.

Uma escrita como escritura, pois nem toda escrita o é. Escrita encenada, teatralizada, semiotizada, multimodal, pois o sujeito da escritura constitui-se numa rede de relações que dialoga consigo mesmo, com o mundo com o conhecimento e com as diversas linguagens entremeadas do seu desejo. Desejo aqui como potência e criação, como pulsão de vida.

Para encerrar e convidar os/as leitores/as a adentrarem as narrativas multimodais desta obra, faço minhas as palavras de Marilena Chauí (2002, p. 63), ao afirmar: “[...] Se o trabalho do pensamento for experimentado por nós como ação e como afeto, será mais forte do que o afeto de uma forte paixão carente de pensamento.” Continuemos, pois a pensar, pois pensar não é algo natural, é uma força movente, pensa-se pelo impulso e pelos afectos, afecções que forçam a criar.

Eis, mais uma criação de Edméa Santos para que nos afetemos com os nossos corpos como lugar de saber e de encontros. Leiamos pela potência do agir, com

atenção flutuante e tácita ao tocar, cheirar, enxergar e realizar a imersão no livro como leitoras/es nômades em terras alheias, para que este livro possa multiplicar-se em polifonia como inspiração para nossas práticas pedagógicas repleta de multiletramentos de (re)existência...

Ana Lúcia Gomes da Silva

Prof^a titular da Universidade do Estado da Bahia- Uneb.
Salvador, primavera de 2021, reacendendo esperanças em narrativas disruptivas.

Referências

- ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. *Rev. Brasileira de Educação*, n. 23, p. 62-74, 2003.
- BEATRIZ, Susana. COMO UMA EMPIRISTA CEGA: PESQUISA-EXPERIÊNCIA. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p. 120-135, jul./dez. 2011.
- CHAUÍ, Marilena. Laços do desejo. In: NOVAES, A. (org). *O desejo*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 2002.
- GUATTARI, Deleuze. Philosophie, n47. Paris. Les éditions de Minuit, 1^o set. p.5-6. Tradução de Tomaz Tadeu, *Revista Educação e Realidade*, n 27/2
- LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul. 2011. ISSN 1982-9949. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444>>. Acesso em: 08 março 2021.

APRESENTANDO NOSSAS ESCREVIVÊNCIAS DE UMA PANDEMIA



alelimas10



A primeira vez que tive contato com a noção de “escrevivências” foi por meio do projeto de tese de minha orientanda de doutorado Vivian Martins, em 2019. Ela associou a noção de escrevivência (Evaristo) com a noção de itinerância (Barbier). No GPDOC (Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura), costumamos abrir nossos projetos de pesquisa com uma escrita de si, fundada em nossas histórias de vida, formação e profissão. Narramos nossas itinerâncias exatamente para contextualizarmos com nossos processos formacionais e de aprendizagens nossos novos interesses de pesquisa-formação. Nossos leitores compreendem nossos dilemas docentes, questões e objetivos de pesquisa em contexto; nossas memórias nos constituem pela história que se atualiza e se materializa em diferentes acontecimentos de vida e formação. Narramos sobre nossas implicações sociais, intelectuais, afetivas, políticas, éticas, estéticas e também libidinais. Segundo Barbier:

[...] engajamento pessoal e coletivo do pesquisador em e por sua práxis científica, em função de sua história familiar e libidinal, de suas posições passadas e atual nas relações de produção e de classe, e de seu projeto sociopolítico em ato, de tal modo que o investimento que resulte inevitavelmente de tudo isso seja parte integrante e dinâmica de toda atividade de conhecimento. (BARBIER, 1985, p. 120).

Mas de onde vem a noção de escrevivências e por que trazê-la aqui? Ao ler Martins (2019), entendi o seu interesse e necessidade de refletir sobre sua condição de

mulher negra e essa intersecção com sua formação de docente-pesquisadora em processo de doutoramento. Fiquei super feliz com a materialidade do seu texto, uma vez que já notava em seu próprio corpo, aparência e discurso seu reencontro com sua negritude. Nada melhor do que dialogar com um referencial temático advindo de uma autora negra, uma vez que em nossos contextos de formação GPDOC focamos em abordagens multirreferenciais, cotidianistas, decoloniais, antirracistas e feministas.

Evaristo, com sua noção de escrevivência, nos ajuda a compreender o poder da escrita de si implicada com a ancestralidade, lutas históricas por liberdade e autoria. Vivemos num país em que o racismo estrutural exclui historicamente os povos afro-brasileiros e essa prática afeta diretamente a inserção de pessoas negras em instâncias mais globais de inclusão social, com ressonâncias para a formação de pesquisadores e pesquisadoras. Gostei muito do que li e me alegrei em presenciar a construção de uma narrativa de pesquisa ainda mais implicada.

Mesmo não tendo aprofundado muito a noção de “escrevivência” naquela primeira versão do seu projeto (Martins, 2019), esse contato inicial me tomou por completo pela sonoridade e eloquência da palavra, e fui buscar mais informações sobre a noção recém-conhecida e sua autora, uma vez que já a conhecia principalmente pela sua poesia. Costumo brincar com amigas que eu tenho até uma poesia só pra mim, mesmo sabendo que a “Edmea” de Evaristo são tantas de nós ou todas nós.

Pigmeia, Edmea e Macabéa

*Se Raimundo
Rimando com mundo
Não é a solução,
Pigmeia, Edmea e Macabéa,
Nomes mulheres, versejam
Entre si, fêmeas rimas
Na vastidão do mundo*

*A menor do mundo – Pigmeia – encravada no
fundo de uma África.*

(Continente que propositalmente

Alguns afirmam não ter solução)

Edmea – Uma bala cravada na vida –

Morte na denúncia da morte dos seus.

(Mães de Acari, corpos continentes

Agredidos, filhos desaparecidos.)

E você, Macabéa, Pigmeia, Edmea

Ser feliz para quê?

Ser feliz como, Macabéa?

Pigmeia, Edmea e Macabéa,

Rimas pobres,

Pigmeias áfricas,

negras edmeas,

nordestinas macabeas.

Rimas mulheres

desafiando o macho cancioneiro

organizador dos sons disrítimos

do mundo.

*(Conceição Evaristo, Poemas da recordação e outros
movimentos)*

Numa entrevista para o programa *Roda-Viva*, Evaristo (2021) muito me tocou, ao relacionar as escrevivências como uma escrita de si não narcísica e sim coletiva. O mito de Narciso nos ensinou que o encantamento com a própria imagem nos mata como sujeitos históricos e confronta o espelho d'água de Narciso com os de Oxum e de Iemanjá, personagens da mitologia africana. É exatamente aí que a imagem de pensamento dos “espelhos” muito me toca. O espelho de Oxum traz uma alegoria muito inspiradora, uma vez que me reconheço de Oxum, mesmo não tendo lhe dado ainda a minha cabeça no ritual religioso. É com a imagem de seu espelho que busco lidar com meus dilemas cotidianos, minhas invenções e existência, por mais que me pegue, muitas vezes, usando o espelho de Narciso. Mas é com os espelhos de Oxum e de Iemanjá que eu quero mesmo estar. Nas palavras de Evaristo, o espelho de Oxum acolhe a beleza negra e o de Iemanjá acolhe todos. Vejamos a seguir uma transcrição literal de uma fala online da escritora:

[...] Ela tem como modelo, ela tem como, como parâmetro, ela tem como suporte para análise pensar no mito de Narciso, né? O sujeito que se perde diante da própria beleza. A escrevivência, ela se distancia, por exemplo, desse mito de Narciso, preferimos pensar a escrevivência a partir de mitos afro-brasileiros ou africanos. Primeiro, o espelho de Narciso não reflete nosso rosto, a beleza negra, ela, ela, ela... nunca foi reconhecida, ela é reconhecida a partir de um movimento nosso de autoestima, então o mito de narciso não reflete nosso rosto. Olha, como ler a escrevivência a partir de mitos afro-brasileiros? Vamos pensar no espelho de Oxum e no espelho de

Iemanjá. O espelho de Oxum é aquele espelho que é... revela a beleza negra, que... que me coloca, né?, minha autodignidade, é... me faz reconhecer como bela, mas não... e aí a gente parte pra outro espelho, nós vamos pro espelho de Iemanjá, que é um espelho que acolhe a comunidade, Iemanjá é aquela que cria, né?, aquela que cuida, então nesse sentido a escrevivência, se você ler a escrevivência a partir de mitos afro-brasileiros, você não pode pensar a escrevivência como escrita narcísica, porque ela não é a história de um sujeito, ela é história, ela reflete a história de uma, de uma, é... de uma coletividade (EVARISTO, 2021).

Link da fala em audiovisual da transcrição acima:



https://www.instagram.com/tv/CTgORcdlcFH/?utm_medium=copy_link

Escrever sobre si e em contexto, escrever em primeira pessoa do singular e do plural, narrar minhas práticas de pesquisa e formação, ensinar e aprender com essas escritas me constituem sobremaneira. Assim, vivencio a docência e a ciberpesquisa-formação. A tentativa de compreender a existência de forma interseccional refletindo questões de classe, gênero, sexualidade e raça. Durante a pandemia da Covid-19, pratiquei escrevivências na interface da ciberdocência,

via educação e docências online, e realizei práticas ciberfeministas no Instagram. Esses escritos foram compartilhados na aba “Notícias” da revista *Docência e Cibercultura* durante os anos de 2020 e 2021. Criamos essa aba para compartilhar textos emergentes de forma rápida e contextualizada. Agora reúno esses textos neste livro. Que minhas escrituras inspirem as suas...

Boa leitura! Muitas aventuras...

Edméa Santos

Praia da Barra, Salvador da Bahia , primavera de 2021 –
vacinada com duas doses contra vírus covid-19.

Referências

BARBIER, René. *A pesquisa-ação na instituição educativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. *A pesquisa-ação*. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Plano, 2002.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017

_____. Entrevista ao programa *Roda-Viva*, TV Cultura, setembro de 2021.

#LIVESDEMAIO... EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA



stelaguedescaputo
UERJ



CAMINHAR UBÍQUO COMO DISPOSITIVO ETNOGRÁFICO ONLINE DE PESQUISA



COM: EDMÉA SANTOS
PROFESSORA DA UFRRJ



PARTICIPAÇÃO: MÁIRA PEREIRA - KÉKERÉ/PROPE/UERJ
FOTODIÁRIO ONLINE DE PESQUISA



DIA 20/5.17H30
CONVERSAS MIÚDAS

MEDIAÇÃO: CRISTIANO SANT'ANNA/KÉKERÉ-UERJ



DISCIPLINA: ETNOGRAFIAS E AUDIOVISUALIDADES NAS PESQUISAS COM CRIANÇAS / PROPE UERJ.
PROFESSORA: STELA GUEDES CAPUTO / PROFESSOR: CRISTIANO SANT'ANNA



KÉKERÉ-UERJ

Petrolina-Pernambuco, 21 de maio de 2021.

"Quanto mais eu ando/Mais vejo estrada/Mas
não caminho/ Não sou é nada/Se tenho a poeira/ "

companheira/ Faço da poeira/O meu camarada"
(Primeiras palavras da canção O Plantador, de Geraldo
Vandré. Intérprete: Roze - [https://www.youtube.com/
watch?v=Y6dYc3rIWu0](https://www.youtube.com/watch?v=Y6dYc3rIWu0))



Maio, Mea, Máira. Depois de ver o pássaro na lembrança de Custódio, o pássaro e seus muitos modos míticos de ser, circular, cantar, pousar, observar e mergulhar nas cosmopercepções do mundo, eis que se abre, em nossas etnografias e audiovisualidades, as mobilidades cognitivas e urbanofísicas que nos hiperconectam com a experiência da pesquisa em movimento. E todo o movimento, nos diz Mea, precisa ser entendido como o campo de pesquisa.

E é no campo que te vejo navegar, Máira, ilhando nas influências e inspirações das orações repletas de axé, na superfície da pesquisa- como ludens e Omolu se encontram para a cura de as enfermidades, no espaço flutuante que terreiriza os corpos e conduz os seres para o encontro com o encantamento da vida.

Agora me diga: Como sintetizar essa empiria, Máira, maio, Mea? Como contar essa história? Como

articular o que nos atravessa com o repertório que nos apresenta? Como deixar os rastros narrativos se tecerem das pessoas que fomos para as que seremos com as que somos e produzimos a cada passo?

Me pergunto e te vejo, Mea, na encruzilhada de um acontecimento, que provoca, que dispara, que se materializa numa personagem conceitual a requerer sentidos, a requisitar, na chama da presença, a brisa do afeto.

Também me provoço a pensar e me penso a provocar. Quero inquirir o rapaz do wi-fi, saber de quem se trata, o que pensa, o que sente, o que sabe da verdade desse instante. Estou imóvel vendo o movimento e às vezes me esqueço, confesso, que não podemos embaralhar, de ansiedades, o silêncio, muito menos controlar todas as variáveis do cotidiano, menos ainda os corpos nas trajetórias das máquinas que produzem fumaças e promovem únicas, irrepetíveis e insubstituíveis caminhadas.

Maio, Mea, Máira. O diafragma se fecha. O metrô para. E lembro que estanquei, nessa pandemia, um hábito antigo, que é o de escrever diários. Um hábito que alcançou o ano da graça de 2020, quando, transpassado por tantos desafios de simbolizar o absurdo, de registrar intimamente a desolação, o medo e a impotência no chão da minha casa e contemplei o silêncio ab à poeira da memória.

Hoje sei que ando meu caminhar ubíquo, r empírico e vejo estrada na companhia de vocês, camaradas, no maio, com Mea e com Máira.

Que assim seja. Modupé, gente! ♥

Um forte abraço,

Luis Osete

CAPÍTULO 1

#LIVESDEMAIO... EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Edméa Santos (UFRRJ)

“Estou apostando sobre qual vai ser a palavra do ano-2020. Já foi selfie, já foi pós-verdade, agora vai ser LIVE. A palavra é ótima porque tem vários sentidos: o milagre de viver, sobreviver à revelia da pandemia, de um lado; de outro, o tsunami de vídeos no YT, no Insta, no Twitter, no Face. Ninguém pode se queixar de sentir tédio. São muitos passarinhos cantando em nossas telas”. (Lúcia Santaella)

O milagre de viver e sobreviver à revelia da pandemia, realmente, nos motivou a fazer e a aproveitar as *lives* que emergiram durante a pandemia da covid-19. Estão sendo dias muitos difíceis, um dia de cada vez. Acompanhamos adoecimentos e mortes de amigos, amigos de amigos, estudantes e suas famílias, nossas famílias em sofrimentos físicos e psicológicos. Infundáveis conversas com nossos pares em nossas universidades. Debates e embates profundos. Mas nada de tédio, como afirma epígrafe acima, muito pelo contrário...

Andei “cantando em algumas telas”, a convite de amigos, parceiros intelectuais, comunidades científicas e

gestores públicos interessados pela pesquisa e práticas educativas em educação *online* em tempos de pandemia. Claro que “cantar” aqui é só uma imagem de pensamento, uma metáfora. Não sou @teresacristinaoficial e nem minha amiga acadêmica @cristdavila, que também canta lindo. Trabalho no campo da cibercultura e da educação há mais de 25 anos, mas “cantar” mesmo nem no banheiro. kkkk

O que são exatamente as *lives*? *Lives* são transmissões síncronas de conteúdo em forma vídeo *online*. Esses vídeos se materializam em diversas metodologias. Transmissões de conteúdos individuais e ou coletivos. Muitas vezes, com interação direta em diferentes plataformas e redes sociais ou em convergências com outras interfaces de textos, a exemplo dos *chats* (salas de bate-papo). No meio acadêmico, essas *lives* vêm levando e reconfigurando para o ciberespaço eventos científicos já praticados em nossas universidades: palestras, conferências, mesas, rodas de conversas, encontros de e entre grupos de pesquisa, aulas, entrevistas. A diferença agora é que estamos geograficamente dispersos e praticando outras formas de presencialidade em rede. Essas presencialidades são coletivas e atingem um grande público.

A comunicação síncrona (em tempo real) é a marca das *lives*. Entretanto, sua potência de comunicação também é assíncrona (acesso em diferentes tempos), uma vez que as *lives* podem ser gravadas e disponibilizadas no ciberespaço em diferentes plataformas. A gravação da *live* a transforma em um

“artefato curricular” e ou cultural em potência, ou seja, podemos reutilizá-las em nossas aulas, atividades formativas ou para uso privado e autoestudo.

Nossa obra acadêmica se materializou e vem se materializando em publicações científicas, orientações de monografias, dissertações e teses, rastros de autorias pelo ciberespaço em narrativas imagéticas, sonoras, audiovisuais, textuais. Transmídias, multimídias e hipermídias circulando em rede no formato de vários dispositivos de pesquisa-formação na cibercultura (www.edmeasantos.pro.br) . Não tem sido diferente durante a pandemia. Fizemos questão de forjar com amigos, parceiros intelectuais e ativistas ambiências formativas plurais e totalmente *online*. Essas ambiências se materializaram em algumas *lives*, que começaram em abril, mas se concentraram em maio de 2020. Tive a preocupação de não ser repetitiva e, por isso cuidei, na mediada do possível, do conteúdo e da forma das *lives* dialogando com meus interlocutores com diferentes metodologias.

Apesar de encontrar mensagens de praticantes culturais satisfeitos com as *lives*, com destaque aos processos individuais e coletivos de aprendizagens, também encontramos críticas e inquietação com este mais recente fenômeno da cibercultura. Essas críticas vêm se materializando em diferentes linguagens, entre elas os *memes*. *Mememes* são um híbrido de imagem com intervenções textuais de carácter quase sempre irônico com expressões ideológicas plurais. Destaco aqui um *meme* do professor e artista @menandrocastroramos, que, através do personagem Saci, ironiza o fenômeno

das *lives*, relacionando-as com o currículo Lattes. Vejamos:



menandrocastroramos

...



SACT

Em nossa prática de pesquisa na internet, as narrativas e rastros de autoria dos praticantes culturais são analisados (visando “compreender a compreensão” do praticante cultural) sempre pela potencialidade de argumentação e conversas que podem ser desdobradas e tensionadas, para que possamos pensar e tecer operações conceituais autênticas e inclusive gerar outras perguntas de pesquisa. A quantidade de ocorrências, de sentidos parecidos, nos ajuda a validá-los como dados importantes de análise, mas também nos interessa sobretudo a qualidade do debate que apenas um rastro

de narrativa poderá gerar, mesmo que seja apenas a expressão de uma única narrativa no conjunto das conversações *online*.

O *meme* acima foi capturado três dias após sua postagem em minha página numa rede social. Oitenta e nove pessoas o compartilharam, 39 deixaram comentários a respeito e 206 o curtiram. Os sentidos das conversas nos revelaram algumas noções:

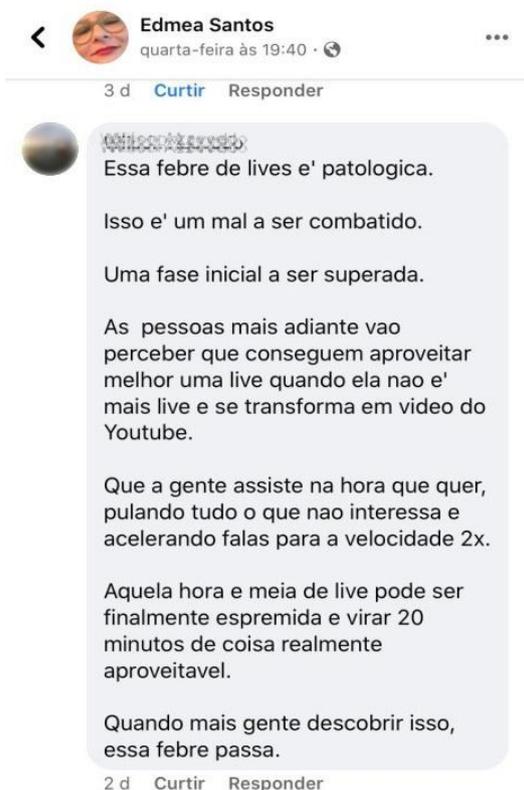
- Importância do reconhecimento das *lives* como efetivo trabalho acadêmico e, por esse motivo, a legitimidade do seu lançamento como atividade no Lattes;

- Diversão e entretenimento, alguns colegas riram e brincaram com a situação;

- O excesso de *lives* gera ansiedade, principalmente por não conseguirmos participar e aproveitar (de) todas as *lives* que nos interessam;

- *Live* como comportamento “patológico” e fenômeno a ser superado ao longo da quarentena.

Essa última noção foi disparada em apenas uma das 39 mensagens deixadas nos comentários. A mensagem em questão não chegou a receber curtidas e comentários, além do meu comentário, que foi curtido pelo emissor da mensagem, que não desdobrou a conversa. Por entendermos a potência da narrativa em questão para o debate, gostaríamos de dialogar com ela a seguir:



Dialogando com a narrativa acima, penso que devemos analisar fenômenos em complexidade. As potencialidades, limites e negatividade das *lives* só poderão ser analisados de forma interseccional e pelos diferentes estilos de aprendizagem e desejos dos diferentes praticantes culturais. Afirmar que o fenômeno revela “patologia” é simplificar demais o fenômeno, até porque sua origem é bastante recente. Sobre os diferentes tipos de comunicação das *lives*, síncronas e ou assíncronas, precisamos discutir também. Obviamente

que o acesso assíncrono democratiza o conteúdo e valoriza o tempo individual e o estilo de aprendizagem de quem prefere estudar sozinho valorizando o autoestudo, caso a *live* não seja disparadora de atividades colaborativas.

Em contrapartida, *lives* são expressões de conteúdo e conversas *online* e não podem ser “reduzidas” a recursos didáticos meramente instrucionais. Minha experiência com as *lives* de maio revelou que a comunicação síncrona das *lives* promoveu a alegria dos encontros e sobretudo o prazer do aprender no “estar junto virtual”. As pessoas se alegram com o aprender em tempo real e se alegram bem mais com os encontros. Os *chats* das *lives* são verdadeiros encontros de amigos geograficamente dispersos. Além disso, sentimentos de pertença também são revelados quando as pessoas se identificam também pelos pertencimentos institucionais. Encontros de leitores com seus autores, professores com seus alunos, pares com seus pares.

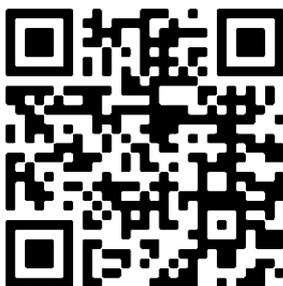
Obviamente que “menos pode ser sempre mais”. Temos de cuidar dos excessos que sempre adormecem as pessoas. *Lives* e mais *lives* de trabalho podem adoecer e provocar climas organizacionais tensos. São muitos os assédios, inclusive. Em contrapartida, há também o incômodo de alguns com a autoria de outros... e esse também é um fenômeno a se observar. Além disso, a superexposição de alguns tem provocado também indignação de muitos. Muitos que sofrem com mortes, adoecimento e fome. Fome de vários tipos de “comida”. Como já cantou o grupo Titãs: “... a gente não quer só

comida, a gente quer comida diversão e arte, para qualquer parte...”.

Afinal, a pandemia não é um período de “férias”. Apesar de muitos se sentirem em plenas férias. O fenômeno é complexo e jamais poderemos reduzi-lo a uma “história única”. Adorei conhecer diferentes pontos de vista sobre o fenômeno das *lives*. Diferentes narrativas provocam sempre bons debates. Vamos conversar sobre esse fenômeno? Com o objetivo de partilhar a nossa experiência com as #livesdemaio, a seguir partilhamos todas elas com você, leitor.

Nossas *lives* agora são “artefatos curriculares, dispositivos e disparadores” de ensino, pesquisa e formação. Desejo que possam inspirar mais conversas e práticas de educação *online*.

1 - ANPED na Quarentena: “Educação a Distância, universidade e pandemia” – data: 15/4/2020





<https://www.youtube.com/watch?v=PWmuNdt7dAc>

“ANPEd na Quarentena”. Inaugurei o dispositivo formativo proposto pela ANPEd – Associação Nacional de Pesquisa em Educação. Representando o GT16 – Grupo de Trabalho Educação e Comunicação –, que ora coordeno em coautoria com a professora doutora Lucila Pesce (UNIFESP). Para essa *live* especificamente, nos posicionamos criticamente em relação à EAD que vem sendo incentivada pelo MEC, para a educação superior e para a educação básica. Tratamos da diferença teórico-metodológica das noções de EAD, educação *online* e ensino remoto. Discutimos as especificidades entre meios massivos e pós-massivos e como estes vêm estruturando as práticas educativas mediadas por tecnologias ao longo da história. Tratamos das características comunicacionais e pedagógicas do digital

em rede. Conceituamos “cibercultura” e educação *online* como fenômenos da cultura de nossos dias. Fizemos uma análise de contexto diante do fenômeno da inclusão digital na sociedade de informação, apontando políticas públicas e a necessidade de militarmos cada vez mais por mais acesso ao digital e por políticas de formação de professores em tempos de quarentena. Essa *live*, como já citamos, inaugurou uma série de *lives* que aconteceram todas as quartas-feiras às 16 horas. Esses encontros foram transmitidos pelos canais da ANPED do Facebook e no YouTube simultaneamente.

2 - Conversa com o professor Sérgio Santos, coordenador da área de matemática da Rede Municipal de Saquarema, Rio de Janeiro: “BNCC e as tecnologias digitais no currículo escolar” – data: 22/4/2020





<https://www.youtube.com/watch?v=0EuCjLMTw1k&feature=youtu.be>

Preocupado com a educação pública em seu município, o professor da educação básica Sérgio Santos solicitou a nossa opinião sobre o currículo praticado na pandemia, à luz da Base Nacional Comum Curricular, no item específico sobre tecnologias digitais. Fizemos questão de conceituar currículo como um artefato sócio-histórico e cultural situado em contexto. Valorizamos o tratamento do uso das tecnologias digitais na BNCC de forma crítica, chamando a atenção para a autoria dos

praticantes, valorizando o protagonismo de docentes, discentes e gestores. Esta *live* pode ser acessada diretamente pelo canal do professor Sérgio no YouTube. O formato é de entrevista, concedida de forma síncrona apenas para o mediador, que fez edições do vídeo, tornando-o mais didático para reuso em diferentes contextos.

3 - Educação em roda de conversas: fazeres e reconfigurações no contexto atual: conversa com o professor doutor Lincoln Tavares Silva, pró-reitor de Graduação da UERJ - data 6/5/2020



<https://www.youtube.com/watch?v=TFIAkTxnwws>

Discussão teórica e metodológica sobre metodologias ativas e a sala de aula invertida na educação *online*. Falamos da incompatibilidade teórico-metodológica das metodologias ativas com os fenômenos da cibercultura e da educação *online* como um fenômeno da cibercultura. A *live* com quase três horas incluiu conteúdo produzido a partir de questões trazidas por seus participantes. Foi um encontro denso e bastante formativo.

4 - Conversa com a professora mestra Sara York:
“Cibercultura e Educação” – data: 8/5/2020





<https://www.youtube.com/watch?v=y5YhUW5CQdI>

Sara York é uma parceira muito especial. Nós nos conhecemos em uma das minhas salas de aula *online*, ela como aluna e eu como professora na disciplina Informática na Educação, no curso de Pedagogia a Distância da UERJ. Hoje, Sara é docente *online* na mesma disciplina e minha parceira de trabalho. Essa nossa história é só um dos disparadores que nos conectam como educadoras públicas que somos. Aprendo muito com Sara e seu ativismo interdisciplinar e multirreferencial. Nossa primeira *live* abordou

exatamente a democratização da EAD na educação superior. Infelizmente, a *live* não foi registrada, por conta de problemas técnicos. A conversa inicial nos rendeu boas ideias e o prazer do encontro quase que semanal. Debates temas variados e dilemas que nos acometiam ao longo das semanas de quarentena. Aqui temos o *link* de uma conversa que conseguimos registrar.

5 - Encontros formativos do grupo de pesquisa DIFEBA/UNEB. Mediação da professora doutora Ana Lúcia Gomes (UNEB) – data: 12/5/2020

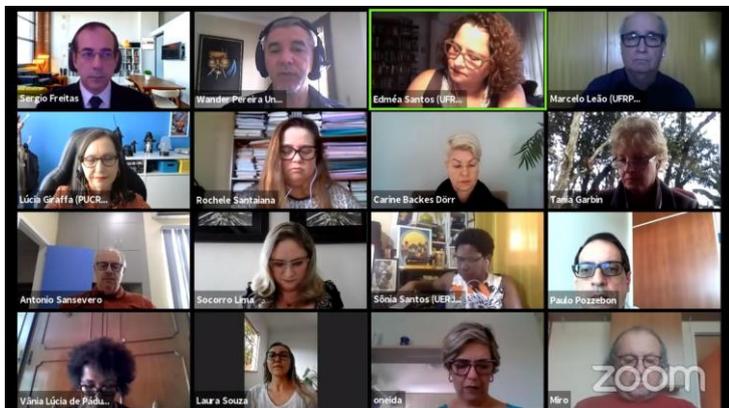


<https://www.youtube.com/watch?v=FgLz8PRwQGo>

Discussão teórica e metodológica sobre metodologias ativas e a sala de aula invertida na educação *online*. Falamos da incompatibilidade teórico-metodológica das metodologias ativas com os fenômenos da cibercultura e da educação *online* como um fenômeno da cibercultura. A *live* com quase três horas incluiu conteúdo produzido a partir de questões trazidas por seus participantes. Foi um encontro denso e bastante formativo.

6 - Abertura e primeira mesa do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Graduação (ForGRAD) – Utilização de tecnologias digitais para a educação superior: os desafios da inclusão e das metodologias de aprendizagem. Mediação: Professor Wander Pereira (UnB) – data: 19/5/2020.





http://www.youtube.com/watch?v=ZL8h7hH_FAo

Mesa-redonda organizada pelo ForGRAD. Discutimos os desafios de educar na pandemia, compartilhando experiências, dilemas e práticas pedagógicas para o ensino superior. Direitos humanos, diversidades, inclusão social, cultural digital, cibercultura, foram temas da *live*.

7 - Congresso virtual da UFBA 2020. Formação de professores, educação *online* e inclusão digital. Mesa com Roberto Sidney Macêdo e Nelson Pretto. Mediação: professora doutora Alessandra Assis – data: 21/5/2020



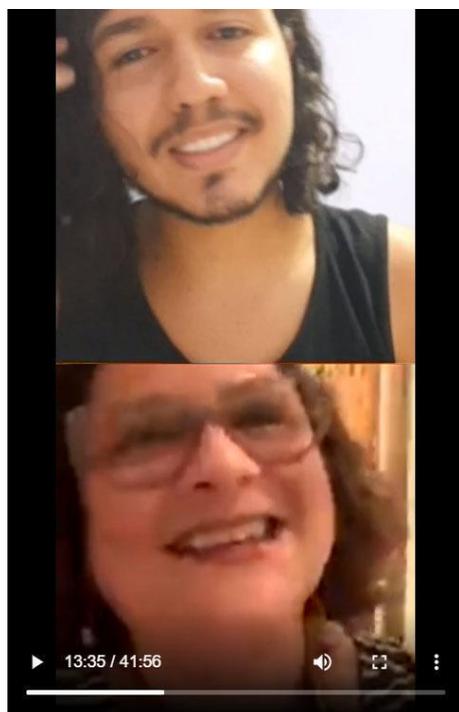


<https://www.youtube.com/watch?v=UD0KrPkHBiY>

Mesa-redonda em que Roberto Sidney Macêdo apresentou a formação como um acontecimento experiencial, relacionando o processo com o contexto pandêmico que no Brasil ainda coincide com uma enorme tragédia política. Nelson Pretto colabora com debate, questionando a noção de “novo normal” e criticando as diferentes dimensões de processos excludentes antes e durante a pandemia. Defende o papel do professor como um ativista nas práticas e processos educacionais na cultura digital. Na sequência, relaciono as falas dos colegas com a educação *online*, criticando a subutilização das redes em práticas massivas de EAD. O debate *online* no congresso virtual da UFBA contou com diversos pares de dentro e fora do Brasil.

8 - *Lives* do Centro Acadêmico do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural do Rio de

Janeiro (UFRRJ sobre Educação a Distância e Pandemia.
Mediação: Marcos Pinheiro – data: 22/5/2020



Parte 1: https://www.instagram.com/p/CAgdP-Bj_X0/
Parte 2: <https://www.instagram.com/p/CAgjLOijpbz/>

Preocupados com a cena contemporânea e seus processos de formação no curso de Pedagogia do Instituto de Educação da UFRRJ, estudantes da universidade me convidaram para dialogar sobre as especificidades dos currículos de formação na modalidade a distância. A conversa foi dinamizada a partir de preocupações diretas da comunidade discente.

9 - Curso de Formação para professores da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Educação *online*: um caminho possível? Mediação: professora doutora Luciene Santos – data: 26/5/2020



<https://www.youtube.com/watch?v=8qwsCz2Ikos>

A equipe da UAB da UFRRJ nos convidou para uma roda de conversa no contexto do curso de formação de professores em EAD. Tivemos a pergunta disparadora: Educação *online*: um caminho possível? Foram muitas as respostas e interlocuções. A comunidade cria atualmente a sua própria comunidade de prática para debater seus dilemas e juntos criarem propostas e práticas educativas para EAD e educação *online* em seus contextos. A dinâmica da conversa parte também dos dilemas dos docentes presentes.

10 - Educação em tempos de pandemia: diálogos e conexões. Debate ao vivo com a Rede Unida. Mediação: Professora doutora Paula Cerqueira – data: 27/5/2020



https://www.youtube.com/watch?v=J_iQAmRQVm4

A Rede Unida reúne acadêmicos, professores, profissionais, movimentos sociais e usuários da saúde pública. A rede é uma efetiva interface entre saúde e educação. O debate tratou exatamente dos processos formativos e da potencialidade da aprendizagem em rede. Tratamos exatamente dos potenciais da educação online e das tecnologias e linguagens digitais.

11 - *Lives* aprendizagens. Conversa com os educadores Edméa Santos (UFRRJ) e Marco Silva (UERJ). Mediação: Professor doutor Antônio Carlos Xavier (UFPE) – data: 28/5/2020



<https://www.youtube.com/watch?v=ZLbBFrZ8cvM&t=1892s>

Debatemos processos de aprendizagens mediados por tecnologias digitais em rede e como esses processos vêm desafiando e também inspirando professores em nosso tempo. Debatemos sobre esse conteúdo no contexto das escolas básicas e também no da educação superior.

Em todas as lives acima citadas, fizemos a opção de compartilhar nossas experiências no campo da cibercultura e da educação, com especial destaque para a educação *online* crítica e democrática. Acertamos muitas vezes, noutras nem tanto, mas não fugimos da luta. Em geral, os *feedbacks* foram muito bons e as ressonâncias muitas vezes se materializaram em mais convites para outras *lives* e ou produções didáticas e científicas. Mensagens de reconhecimento do nosso trabalho foram socializadas em nossas páginas nas redes sociais, o que muito nos honra e nos incentiva a continuar contribuindo com nosso conhecimento. A seguir vemos uma dessas manifestações e com ela concluimos este texto, agradecendo muitíssimo o reconhecimento de nossas ações.



Laurinda Maia está 😊 se sentindo agradecida.



quinta-feira às 18:53 · 🌐

Neste mês de Maio aproveitei para assistir várias "Lives" , a maioria da área de Educação... Muito aprendizado; grandes descobertas; e, muitas reflexões...

Respeito todos os profissionais que me proporcionaram (re)pensar, mas o meu destaque das "Lives" vai para a Professora Doutora em Educação [Edmea Santos](#) que superou todas as minhas expectativas. Profissional com amplo conhecimento, competência técnica e iluminado ser humano. E olha que acompanho suas publicações ! Mas, "ao vivo" é diferente...

Sou grata pela oportunidade. Aprendi muito. Se for preciso um parâmetro para esses dias, posso dizer que valeu mais que um semestre em qualquer Universidade.

Para Edmea Educação tem que ser para Todos, no papel e na prática. Com todos e para todos. Trabalho colaborativo. Preciso dizer mais ?

Para quem perdeu, recomendo assistir. Algumas "Lives" permanecem gravadas.

Rumo as próximas "Lives"... Aproveitando a quarentena.



5 comentários 1 compartilhamento

EAD, PALAVRA PROIBIDA. EDUCAÇÃO ONLINE, POUCA GENTE SABE O QUE É. ENSINO REMOTO, O QUE TEMOS PARA HOJE. MAS QUAL É MESMO A DIFERENÇA? #LIVESDEJUNHO...



@brisaerc , @mayraribeiro, @carva_lhofelipe

CAPÍTULO 2

EAD, PALAVRA PROIBIDA. EDUCAÇÃO ONLINE, POUCA GENTE SABE O QUE É. ENSINO REMOTO, O QUE TEMOS PARA HOJE. MAS QUAL É MESMO A DIFERENÇA? #LIVESDEJUNHO...

Edméa Santos (UFRRJ)

De volta ao passado, primeira parada 2007... Num curso de Pedagogia a Distância também pode ter Educação Online...

Optamos neste texto pela narrativa autobiográfica e pelo lugar de fala de alguém que não separa a docência das práticas de pesquisa e investigação acadêmicas. Quando falamos (nós) incluímos aqui o GPDOC – grupo de pesquisa formação na cibercultura e nossas redes sociotécnicas mais intensas. Quando falo (eu), quero marcar minha itinerância pessoal na qual assumo total implicação de autoria e autorização, que passo bem longe de um “ego inflado”, ou mesmo “auto-promoção” como alguns leem narrativas autorias de quem assume “lugares de fala”. Convido todos, todas e todes a uma viagem pelo tempo... Tempos de pesquisa e formação na cibercultura por nós vivenciados e praticados. (Santos, 2005, 2014, 2019).

Esta primeira parada é apenas uma imagem de pensamento para disparar uma história que queremos contar. A nossa experiência com os temas propostos aqui é mais longa... Educação online, para mim, é tema, campo e dispositivo da pesquisa há mais de 20 anos. Há exatamente 13 anos, ingressei na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Meu concurso público foi para a disciplina Informática na Educação do curso de Pedagogia a Distância, alocado na EDU/UERJ. Disciplina que coordeno com muito prazer e orgulho até a presente data. Em 2018, exonerei-me da UERJ e ingressei como professora-titular livre na UFRRJ. Como a UFRRJ faz parte do consórcio Cederj, continuo na UERJ atuando na disciplina como professora-coordenadora. Essa disciplina é campo de pesquisa-formação na cibercultura para mim e meu coletivo GPDOC/UERJ/UFRRJ. Afinal, pesquisamos no exercício docente em nossos contextos de sala de aula.

A cada ano, um novo desenho didático e muitas invenções se materializam em atos digitais de currículo. Desde a nossa entrada no sistema, praticamos a disciplina na modalidade de educação online, mesmo sendo a disciplina parte integrante de um curso de EAD na modalidade semipresencial, uma vez que contamos com atividades geograficamente dispersas – mediadas pelo ambiente virtual de aprendizagem – e atividades presenciais nos polos presenciais espalhados pelo estado do Rio de Janeiro.

“EAD” era palavra proibida na Faculdade de Educação. Os motivos eram vários. Os cursos de Graduação a Distância legitimados pelo Cederj,

consórcio que reúne universidades públicas, eram vistos como menores. Afinal, tratava-se um projeto que nasceu dentro de um governo bastante problemático. Lembrem-se de um tal “Garotinho”? Pois bem... O curso de Pedagogia a Distância da UERJ era gestado pelo extinto Departamento de EAD. Departamento malvisto e malquisto por grande parte da comunidade acadêmica da Faculdade de Educação.

As histórias são muitas e quem “chega novo” à universidade não deve tomar para si as histórias que não são suas e que são exclusivas de vivências alheias, vivências estas marcadas por disputas de poder e narrativas diversas. Melhor chegar, observar e navegar pela complexidade, investindo na sua autoria, fazendo boas redes e conexões com pares implicados em projetos que valham a pena. Importante entender os jogos de poder e navegar com prudência e ética nessa rede.

Muitos alunos do curso de Pedagogia presencial não reconheciam os colegas da Pedagogia a distância. Alguns professores que atuavam no curso a distância, muitas vezes eram ridicularizados e muitos deles omitiam que atuavam no projeto. Já experiente no campo da educação e cibercultura, atuando com educação online como um fenômeno da cibercultura, arregacei as mangas – como boa trabalhadora que sou – e “mergulhei com todos os sentidos” (Alves, 2008) na criação online de minha disciplina. Acionei a tutoria que trabalhava nos polos presenciais e a inseri em processos formativos continuados para o exercício da docência online, projeto que acredito e pelo qual milito desde sempre.

Descartei o material didático impresso, já desatualizado para a época; excluí a tutoria presencial e arquitetei um desenho didático interativo no ambiente virtual de aprendizagem. Desenhamos as unidades curriculares com atividades síncronas e assíncronas de comunicação. Atividades assíncronas diversas foram criadas em fóruns de discussão (discussão de textos científicos, estudos de caso, debates mediados por audiovisuais, fóruns sociais, construção de midiateca interativa, oficinas), wikis (produções colaborativas de textos e projetos em grupos).

Atividades assíncronas são aquelas que contam com a dispersão geográfica e a partilha de tempos de comunicação variados. Um interlocutor deixa uma mensagem e esta pode ser comentada e cocriada por todos e todas em tempos (cronos) e existências variados. Docentes online foram orientados a fazer mediações que não se limitassem a “repostas e tira-dúvidas de conteúdos” apenas. Importante incentivar os debates e a comunicação todos-todos em sala de aula.

Atividades síncronas também aconteciam e ainda acontecem; elas forjam vínculos afetivos incríveis, provocam sentimentos de pertença, permitem disparar conversas e fechar ciclos de debates. Mas não são tão encorajadas por nós, principalmente pela diferença técnica de acesso às condições de conexão, mas também por condicionarem a interação a um tempo (cronos) ao vivo, o tempo real. O modelo síncrono não democratiza tanto a participação de todos, e a flexibilidade do tempo é um dos fundantes da comunicação assíncrona. Há 13 anos não contávamos com a pluralidade de ofertas de

plataformas de webconferência disponíveis hoje. Além de a Web ser ainda aquela chamada de 1.0, usávamos como interface síncrona os conhecidos chats ou salas de bate-papo. Os chats “chá mate com biscoito globo” faziam o maior sucesso...

Sempre gosto de começar a falar de desenho didático pelo viés da comunicação docentes/alunos/alunos. É a comunicação todos-todos que garante a sala de aula online. Sem a presença dos alunos e docentes em processos de comunicação interativa, habitando a sala de aula cotidianamente, não temos educação online. A plataforma digital só se transforma num ambiente virtual de aprendizagem (AVA) com as pessoas produzindo o currículo online cotidianamente, juntas, criando e disputando sentidos, produzindo conteúdos e processos de subjetivação em rede.

Mas, para dispararmos as conversações online, forjando a sala de aula online e o AVA propriamente ditos, precisamos dos conteúdos e suas disposições arquitetados em linguagens multimodais e hipertextuais. Conteúdos base, roteiros com múltiplas trilhas para aprendizagens, sequências didáticas, midiatecas digitalizadas, acesso a recursos educacionais abertos, entre outras fontes fartamente disponíveis no ciberespaço. Forma é conteúdo.

Se para nós educação online é fenômeno da cibercultura, devemos investir na linguagem hipermídia. Postar apenas textos em pdf, apresentações de slides lineares, videoaulas e ou pirotécnicas descontextualizadas é subutilização do digital em rede e instrucionismo curricular. Precisamos engendrar uma

teia complexa de conexões e acionar os estudantes a adentrarem os conteúdos, produzindo colaborativamente conhecimentos nas interfaces de comunicação síncronas e assíncronas. Só assim, teremos educação online.

Você, leitor, deve se perguntar: “Ok, Edméa Santos. Estou entendendo o que é educação online. Mas como sua disciplina é educação online num curso em EAD?” Pois bem, como dizem os portugueses... A liberdade de cátedra existe na universidade. Cada docente e instituição tem sua autonomia pedagógica. Nós praticamos educação online por entendermos que o “professor-tutor” deve ser um “docente online”, deve mediar situações de aprendizagem, arquitetar novos percursos de discussões e não apenas tirar dúvidas e ou administrar a burocracia da agenda do sistema, a exemplo de: administrar agenda de provas, testes e atividades. Para tanto, investimos em pesquisa-formação na cibercultura (Santos, 2019).

Nossa equipe docente é convidada a ser epistemologicamente curiosa. Pesquisamos a nossa prática docente, criando e acionando dispositivos. A plataforma não deve ser apenas um repositório de conteúdos para trabalho individual e solitário, próprio do autoestudo. O autoestudo é importante. Afinal, só Edméa Santos aprende por Edméa Santos. Mas acreditamos que Edméa Santos poderá aprender mais e melhor quando dialogar em rede e cocriar com outros docentes e estudantes com horizontalidade acadêmica e pessoal.

No mesmo curso de Pedagogia a Distância, há também EAD massiva. Ainda que se utilize uma única plataforma digital e se sigamos as mesmas orientações e diretrizes gerais. Há desenhos didáticos mais instrucionais, em que docentes orientam estudos, leituras, tiram dúvidas de conteúdos e administram a agenda do sistema. Cada aluno faz suas tarefas, prestando conta das atividades quase sempre individualizadas. Isso é EAD. Alunos aprendem e se formam. Mas preferimos investir em mais comunicação na cibercultura e, para tanto, insistimos no ONLINE. Sendo assim, não é a materialidade do digital em rede que garante a educação online. O que a garante é o currículo que forjamos na mediação interativa e hipertextual da comunicação e da produção do conhecimento em rede.

De volta ao passado, segunda parada... 2009

Num clássico curso de Pedagogia Presencial também pode haver Ensino Remoto...

Quando fazemos um concurso público para professor, a porta de entrada é uma disciplina ou área de conhecimento específica. Essas coisas todas são alocadas institucionalmente em um departamento específico. Mas a vida na universidade é bem maior que esses protocolos iniciais. Muitas vezes mudamos ou transitamos de área, de departamento. Transitamos, retornamos, assumimos cargos, funções, fazemos outros concursos, progredimos na carreira. Fazemos ensino, pesquisa e extensão.

Atuamos em diferentes cursos de graduação e pós-graduação, colaboramos com redes variadas. Assim, busquei também atuar com disciplinas no curso de Pedagogia Presencial. Os campos em que atuo são: Informática na Educação, Tecnologia na Educação, Didática, Currículo, minhas áreas de formação inicial.

A primeira surpresa interessante foi descobrir que o departamento que alocava minhas atividades no presencial já praticara o “parecer dos 20% para EAD”. Essa era a expressão conhecida da primeira versão do parecer que legitimava que 20% de qualquer curso de graduação autorizado e reconhecido pelo MEC fosse praticado a distância utilizando-se mediações tecnológicas diversas (de impressos ao digital em rede). Que boa surpresa! Afinal, vi ali uma oportunidade de praticar minha educação online, também no curso de Pedagogia presencial. Mas antes de propor um dispositivo, procurei saber quem eram os professores que ministravam disciplinas a distância, de preferência online. Quem eram os docentes? Quais eram os professores? Como praticavam esses currículos? Que plataformas usavam e como usavam?

Sem muitas delongas, descobri que duas importantes professoras faziam “educação online” e procurei saber como elas faziam e cheguei a seus projetos. Estão me acompanhando nessa viagem? Vamos lá então. Descobri que as professoras não usavam uma plataforma de educação online, própria para arquitetar um AVA. Até aí, sem problemas, porque podemos fazer educação online com páginas, sites, blogs, redes sociais e, mais recentemente, com

aplicativos para celular (apps). Lembro que antes de os AVAs serem democratizados, eu criava AVA combinando páginas Web com listas de discussão... (Okada e Santos, 2000).

Mas estamos falando agora de 2009. Já tínhamos algumas plataformas disponíveis. As professoras usavam plataformas de blogs. Interfaces que praticamente forjaram a Web 2.0. Os blogs eram – e ainda são – interfaces bastante amigáveis e em potência interativas. Permitem que postemos conteúdos em múltiplas linguagens e que dialoguemos com os interlocutores, isso já garante em potência educação online. Como disse: “em potência”, ou seja, que pode, mas não necessariamente vai se materializar... As professoras desenhavam aulas inteligentes, com bastante criatividade no blog. Trabalhavam com imagens, fotografias e diferentes linguagens desenhadas. Postavam textos variados (científicos, jornalísticos, artísticos e literários), criavam roteiros de estudos para os alunos e propunham atividades instigantes. Até então, quase tudo certo com a arquitetura do conteúdo da disciplina.

Onde estava o problema do meu ponto de vista especializado, como pesquisadora do campo da educação na cibercultura? As atividades eram desenhadas para autoestudo, e as professoras não dialogavam com os alunos online no blog. Não havia canais de comunicação com atividades colaborativas online. A interação assíncrona entre docentes e alunos não existia. Não fazia parte do desenho didático. O blog era usado como “pagina web”. Não era habitado para

ser ambiente virtual de aprendizagem, como já descrevemos aqui.

Será que essa experiência das colegas era de EAD, mesmo usando a internet, e não tinha nada de educação online? Em princípio, sim. Mas logo descobri que elas se encontravam com os alunos semanalmente com hora marcada. Essa agenda era exatamente no dia e horário agendado, em sintonia com a grade de horário da disciplina do curso presencial. Os alunos usavam o conteúdo do blog como “repositório” e roteiro de estudos para acessar o material das disciplinas e realizar as tarefas individualmente e, uma ou duas vezes por semana, se encontravam remotamente com suas professoras em salas de bate-papo ou na área de comentários dos blogs. Esta comunicação era síncrona. Como o blog tinha a área de comentários aberta, alguns alunos conversam lá, mas não havia mediação docente online durante a semana. Alunos dialogavam entre si e consigo mesmos.

Quando questionei as professoras sobre essa opção, notei que elas não conheciam o conceito e as dinâmicas de comunicação assíncrona e plataformas mais específicas para educação online. Sugeri maior presença delas com seus alunos online. Apresentei o conceito de fóruns, wikis, glossários e a noção de plataformas, AVA e de desenho didático online interativo. Elas não se interessaram muito e, na época, afirmaram coisas como “não queremos trabalhar com outras coisas”, “não queremos trabalhar mais do que já trabalhamos”, “nossa obrigação é com o cumprimento semanal da carga horária no dia e hora marcados”. Avançamos na

materialidade de apresentação dos conteúdos. Polifonias foram mais garantidas com o blog. Nem precisa dizer que o uso do blog só para acessar conteúdo digital já era bem melhor que deixar a pasta física com os textos na xerox da faculdade. Mas a comunicação com alunos, que nem sempre era interativa, estava apenas centrada num dia e hora da semana. Hoje temos clareza de que essa prática é o chamamos atualmente de “ensino remoto”.

De volta ao presente, parada na pandemia da Covid-19...

Em tempos de pandemia da covid-19, estamos diante de experiências muito parecidas com as experiências de minhas colegas datadas em 2009. A diferença é que, agora, todo currículo vem sendo praticado remotamente com mediações audiovisuais das modernas plataformas de webconferência. Muitas delas equipadas com outras interfaces que permitem projetar conteúdos, anotar digitalmente nos materiais, dialogar com chats acoplados numa mesma plataforma. Assim, os professores encontram seus alunos no dia e hora da agenda presencial, só que agora com mediação digital. O ciberespaço é subtilizado como lugar de encontro, cabendo ao recurso assíncrono apenas o acesso a conteúdos e material de estudo da disciplina. Alguns docentes abrem discos virtuais nas nuvens, outros postam em plataformas diversas. Mas ninguém conversa com ninguém fora da hora marcada. Aqui

temos o que atualmente em tempos de pandemia da covid-19 chamamos de “ensino remoto”.

Ensino remoto não é EAD e muito menos Educação Online. A tecnologia avançou, a rede tem melhores conexões. Mas a postura comunicacional é restrita aos dia e hora marcados. Isso tudo, multiplicado por 7, 8, 9 ou 10 unidades curriculares e ou disciplinas, tem entediado alunos e desgastado docentes. Exaustão e traumas estão sendo instituídos. O ensino remoto tem deixado suas marcas... para o bem e para o mal. Para o bem porque, em muitos casos, permite encontros afetuosos e boas dinâmicas curriculares emergem em alguns espaços, rotinas de estudo e encontros com a turma são garantidos no contexto da pandemia. Para o mal porque repetem modelos massivos e subutilizam os potenciais da cibercultura na educação, causando tédio, desânimo e muita exaustão física e mental de professores e alunos. Adoecimentos físicos e mentais já são relatados em rede. Além de causar traumas e reatividade a qualquer educação mediada por tecnologias. Para o nosso campo de estudos e atuação, a reatividade que essa dinâmica vem causando compromete sobremaneira a inovação responsável no campo da educação na cibercultura.

Entretanto, há uma ignorância enorme – no sentido de ignorar o fenômeno – em torno dos potenciais pedagógicos, comunicacionais e democráticos da Educação Online como fenômeno da cibercultura. “EAD” é palavra proibida, “coisa de neoliberal e de capitalista”. Reconhecemos que o mercado é perverso e que, em nome do lucro, cria currículos massivos, baratos

e que reforçam a precarização do trabalho docente. Militamos contra isso, inclusive no contexto da universidade pública, uma vez que também não concordamos com as condições de trabalho e políticas de formação da tutoria praticada pelos consórcios e agências públicas.

Além disso tudo, “EAD” é palavra que sai da boca do desgoverno atual, mais precisamente da boca do ex-pseudoministro da educação, que declarava literalmente que o “Brasil não precisa de sociólogos, filósofos, antropólogos. O Brasil precisa de médicos e engenheiros”. Com esta crise e tragédia política, que desvaloriza as ciências humanas e os professores, fica difícil explicar que EAD pode ser de qualidade e que podemos investir diretamente em educação ONLINE, seja nos cursos presenciais, seja nos cursos a distância, inclusive forjando projetos de inclusão digital para alunos e professores. Estes últimos, na maior parte dos casos, até têm acesso aos meios digitais, mas precisam investir em formação cibercultural e políticas de formação institucionalizadas, até para que possam compreender pela formação experiencial, vivenciar em suas práticas o que tencionamos aqui.

As universidades privadas vêm praticando o ensino remoto e as universidades públicas vão arrumando nomes variados para falar de seus projetos educacionais para a exclusividade do período pandêmico. Colegas mais “resistentes” e atentos ao desgoverno refutam qualquer projeto mediado por tecnologias digitais. Colocam todas as possibilidades na mesma

horizontalidade e “combatem” inclusive tentativas de projetos bem-intencionados.

Da nossa parte, resistimos em rede e com autoria coletiva. Os diálogos com pares, associações científicas, grupos de pesquisa, sindicatos e coletivos interdisciplinares estão intensos. Já partilhamos o artigo que contou a nossa experiência com as #livesdemaio (Santos, 2020). Com as lives de maio priorizamos a conversa mediada diretamente pelos dilemas e curiosidades dos nossos anfitriões. Produzimos conteúdos autorizados que circulam em rede e podem ser utilizados como artefatos curriculares em outros contextos.

Lembram do nosso relato sobre a nossa disciplina online de Informática na educação? Ela continua muito bem obrigada. Agora mais ubíqua que nunca. Sua versão 2020 tem um desenho didático interativo que articula AVA, Web 2.0 e APP (Almeida, Santos, Carvalho, 2018). Seus focos atuais são o combate a notícias falsas, fake news, e a mobilização de multiletramentos críticos na cibercultura (Almeida e Santos, 2020). O ONLINE dentro de um projeto de EAD. Por mais ONLINE na EAD e na sala de aula presencial também!

Concluo convidando à formação em rede #livesdejunho, para formar e nos formar com fundamentos e dispositivos de educação online

As #livesdejunho receberam um caráter diferenciado da nossa parte. Aceitei alguns convites para palestras e conferências temáticas em que privilegiei

temas específicos de Educação Online. Falamos sobre avaliação formativa na educação online, dispositivos e interfaces para avaliar a aprendizagem online, desenho didático interativo, saberes para a docência online, comunicação síncrona e assíncrona na didática online, entre outros. Queremos colaborar com o debate sério, competente e autorizado. Para tanto, vejamos as nossas lives de junho. Elas são um convite a mais conversações e aprendizagens:

- Live/conferência: **“Dispositivos e interfaces para avaliação formativa da educação online”**. Seminário Online, Universidade de Coimbra e PUC-PR. Tema do Seminário: **“O que esperar do Ensino e da Aprendizagem pós-Covid-19?”**.



<https://youtu.be/aJgQiMKEeX8>

- WebSeminário do FORTEC/UNEB. Tema da Mesa: **“Tecnologias Digitais, Games e Multiletramentos”**. Tema da fala: **“Avaliação formativa em educação online”**.



<https://youtu.be/GIW1smxEgDQ>

- Roda de conversa sobre “**Educação Online e Docência Colaborativa!**”. Mediador: professor dr. Carloney (UFAL). Palestrantes: Edmea Santos (UFRRJ) e Leonel Tractenberg (UERJ).



https://youtu.be/jcMxiN_9Bkg

- Live do Curso de extensão “**Práticas pedagógicas na cibercultura**”. Ministrado por Simone Lucena e coletivo na UFS. Tema da conferência “Educação Online para além da EAD”.



<https://fb.watch/8wxMFhTZfs/>

Referências

- ALMEIDA, Wallace; SANTOS, autora. **De memes a fake News. Desafios de uma pesquisa-formação na cibercultura.** Revista Educação em Foco, abril, 2020.
- ALMEIDA, Wallace; SANTOS, Edméa; CARVALHO, Felipe. **Autorias Colaborativas via Aplicativos em Rede: APP - Docência em Atos de Currículo.** In: CARDOSO, Ariston de Lima; SANTOS, Adilson Gomes dos; SANTO, Eniel do Espírito (org.). *Tecnologias e Educação Digital: diálogos contemporâneos.* Cruz das Almas, Ba: UFRB, 2018. p. 201-224.
- ALVES, N. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: Oliveira, I.; Alves, N. (Orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas.* Petrópolis: DP et Alii, 2008.
- OKADA, Alexandra. SANTOS, Edméa. **A construção de ambientes virtuais de aprendizagem: por autorias plurais e gratuitas no ciberespaço.** ANPED:GT16, 2000.
- PIMENTEL, Mariano; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte. **Princípios da Educação Online: para sua aula**

não ficar massiva nem maçante! SBC Horizontes, maio 2020. ISSN 2175-9235.

SANTOS, Edméa. **Educação Online: cibercultura e pesquisa- formação na prática docente.** 2005. 351 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2005.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-Formação na Cibercultura.** Santo Tirso, Portugal: Whitebooks, 2015. 204 p. Acesso em: junho. 2020.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na Cibercultura.** Teresina: EDUFPI, 2019. Acesso gratuito na aba “Livros”

SANTOS, Rosemary; RIBEIRO, Mayra R. F.; CARVALHO, Felipe S. P. **Educação Online: aprenderensinar em rede.** In: SANTOS, Edméa O.; PIMENTEL, Mariano; SAMPAIO, Fábio F. (org.). **Informática na Educação: cultura, sociedade, histórias e políticas.** Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2019. n. p. (Série Informática na Educação, v.1) .

**CIBERFEMINISMO EM TEMPOS DE
PANDEMIA COVID-19: LIVES
(TRANS)FEMINISTAS**



@angeltxarte

CAPÍTULO 3

CIBERFEMINISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA COVID-19: LIVES (TRANS)FEMINISTAS

Edmea Santos (IE/UFRRJ)

Terezinha Fernandes (UFMT)

Sara Wagner York (UERJ)

As lives como espaços multirreferenciais na cibercultura

O texto em forma de ensaio livre tem como objetivo abordar o fenômeno das lives praticadas por (trans)feministas principalmente nos meses de maio e junho de 2020, no período da quarentena da COVID-19 no Brasil. Compartilha e comenta algumas lives de feministas plurais que debateram temas variados de interesse público, criando ambiências formativas e de aprendizagens em rede no ciberespaço. Partilhamos nossa experiência com algumas lives, também para inspirar atos de currículos, eventos e práticas críticas na cibercultura. Constatamos que o formato das lives extrapola o da comunicação entre pares, pois pode atingir diferentes públicos em razão da comunicação didática de conteúdos científicos em formato de vídeo para audiência síncrona e assíncrona.

As tecnologias digitais em rede - que se materializam em diversos suportes, plataformas e sistemas lógicos - em interface com as cidades, o ciberespaço e os artefatos técnico culturais - vem instituindo cotidianamente a cultura contemporânea, cultura digital ou cibercultura como preferimos nomear. Esse híbrido entre territórios físicos, eletrônicos e simbólicos, portanto representativo, configura o contexto onde diversos fenômenos vêm emergindo, modificando e produzindo novos arranjos às expressões de cidadania (FRANÇA, 2018), práticas culturais e processos educacionais, protagonizados por adultos, crianças e jovens. A cibercultura é a cultura contemporânea que revoluciona a comunicação, a produção e circulação em rede de informações e conhecimentos na interface cidade-ciberespaço. Novos arranjos espaço-temporais emergem e com eles novas práticas de pesquisa e formação (SANTOS, 2019).

Estamos estudando um dos fenômenos da cibercultura conhecido como ciberfeminismo. Para nós ciberfeminismo são práticas da “explosão feminista” (BUARQUE DE HOLANDA, 2018) que lançam mão de dispositivos e interfaces do ciberespaço para materializar debates e ativismos (trans)feministas. Seja por coletivos ou ações individualizadas de pessoas que se autodeclaram (trans)feministas. No guarda-chuva dos feminismos de quarta onde na “explosão feminista”, o ciberespaço aparece como campo, objeto e dispositivo de debates, lutas e ações nos novos ativismos insurgentes. “(...) novos ativismos insurgentes é exatamente aquele que privilegia a autonomia e a ação direta entre pares.

Este sim é o grande poder das redes”. (BUARQUE DE HOLANDA, 2018, p. 44). Em linhas gerais, reconhecemos o ciberespaço como um espaço multirreferencial de aprendizagem.

Tal acontecimento vem promovendo a legitimação de novos espaços de aprendizagem, espaços esses que tentam “fugir do reducionismo que separa os ambientes de produção e os de aprendizagem (...), espaços que articulam, intencionalmente, processos de aprendizagem e de trabalho” (BURNHAM, 1998, p. 299) e também de enfrentamento. A noção de espaço de aprendizagem vai além dos limites do conceito de espaço/lugar. Com a emergência da “sociedade em rede”, novos espaços digitais, a exemplo das redes sociais da internet vêm se estabelecendo a partir do acesso e do uso criativo do digital em rede.

Novas relações com o saber vão se instituindo num processo híbrido entre ciberhumanos (HARAWAY, 2000) e objetos técnicos, tecendo conhecimentos em rede. Espaços multirreferenciais de aprendizagem são para nós em potência, ambiências formativas. Para que a diversidade de linguagens, produções e experiências de vida sejam de fato contempladas de forma multirreferencializada, nos e pelos espaços de aprendizagem, assim, os saberes ganham visibilidade e mobilidade, ou seja, os praticantes culturais precisam ter sua alteridade reconhecida, sentindo-se implicados numa produção coletiva, dinâmica e interativa que rompa com os limites do espaço geográfico e do tempo.

Lives como dispositivos de atuação online

Os usos de dispositivos digitais, forjam coletivos, metodologias, múltiplas linguagens e dispositivos de atuação online. “(...) Talvez, somente agora, a partir de modos de fala e uso das vozes individuais em rede, o feminismo tenha conseguido encontrar um modelo de comunicação efetivamente contagioso”. (BUARQUE DE HOLANDA, 2018, p. 47). Sendo a cibercultura o contexto atual, não podemos pesquisar sem a efetiva imersão em suas práticas. No contexto da pandemia COVID-19, as lives se configuraram como importantes espaços multirreferenciais de aprendizagens e também campos de pesquisa. Além de serem meios de comunicação “contagiosos”, ou seja, viralizaram com muita força nas redes, atingindo públicos e interesses variados. O que são exatamente as lives? Então assim conceituamos lives como:

Lives são transmissões síncronas de conteúdo em forma vídeo online. Esses vídeos se materializam em diversas metodologias. Transmissões de conteúdos individuais e ou coletivos. Muitas vezes, com interação direta em diferentes plataformas e redes sociais ou em convergências com outras interfaces de textos, a exemplo dos chats (salas de bate-papo). No meio acadêmico, essas lives vêm levando e reconfigurando para o ciberespaço eventos científicos já praticados em nossas universidades: palestras, conferências, mesas, rodas de conversas, encontros de e entre grupos de pesquisa, aulas, entrevistas. A diferença agora é que estamos geograficamente dispersos e praticando outras formas de presencialidades em rede. Essas presencialidades são

coletivas e atingem um grande público. (SANTOS, 2020 – Online).

A comunicação síncrona (ao vivo) é a marca das lives. Entretanto, sua potência de comunicação também é assíncrona (acesso em diferentes tempos), uma vez que as lives podem ser gravadas (record) e disponibilizadas no ciberespaço em diferentes plataformas (KJUS, 2018). A gravação da live a transforma em um “artefato curricular” e ou cultural em potência, ou seja, podemos reutilizá-las em nossas aulas, atividades formativas ou para uso privado e auto estudo. Além dos usos pedagógicos e curriculares que podem fazer com os acervos das lives, nos interessa compreender como que os coletivos e pessoas lançam mão do ciberespaço numa perspectiva crítica.

Vamos conversar sobre esse fenômeno? Com o objetivo de partilhar a nossa experiência com lives ciberfeministas de maio e junho, partilhamos, com você leitor, algumas delas. Participamos não como mediadoras diretas, mas como intelectuais públicas (trans)feministas, interessadas pelo tema dos feminismos plurais e sobretudo interessadas nas aprendizagens mediadas por pessoas que mobilizam multiletramentos críticos em contextos ciberfeministas. Como usam o digital em rede? De que forma? Que aprendizagens? Que usos? Vejamos a seguir, algumas lives que assistimos e que, para nós, representam bem a “explosão feminista” em tempos da pandemia COVID-19.

Feminismos, com Heloisa Buarque de Hollanda e Djamila Ribeiro



Link: <<https://www.youtube.com/watch?v=0GuouZGQFfE&t=42s&frags=pl%2Cwn>>

Para Heloísa Buarque de Holanda a universidade abriu espaço para a entrada de mulheres negras pela via das cotas, mas não deu acesso à voz a estas mulheres. Então dizemos seguindo as noções de Spivak (2010), ninguém dá voz, a quem já tem, oferecemos escutas. As mulheres negras na universidade precisam embranquecer e virar homens para falar sobre feminismos negros e as mulheres brancas precisam virar homens para competir em nível de igualdade na academia. As instituições são brancas, masculinistas, logo machistas, capacistas logo meritocráticas e colonialmente brancas, portanto racistas e se não mexermos com a estrutura do seu funcionamento e valores sócio-relacionais as mulheres (cisgêneras, transgêneras e/ou travestis) continuarão sendo apenas objeto de estudo, por isso a necessidade da militância, tecendo fios não alargados quanto a racialidade.

Para a autora é importante mudar o conteúdo, mas mudar a estrutura é urgente e necessário. Os estudos

teóricos são importantes, mas apenas eles não respondem às demandas das comunidades em tempos de pandemia, porque não estamos lá ouvindo estas mulheres e suas necessidades, precisamos estar envolvidas nestas lutas, em especial junto às mulheres das periferias. E foi reconhecendo tais questões que a autora criou o Laboratório Feminista na Quebrada, espaço em que dialoga com a vida de mulheres da periferia e suas ações cotidianas.

Djamila Ribeiro ressalta a importância de mulheres brancas e negras pesquisarem os feminismos mas, sobretudo, é necessário que haja a tomada de consciência da importância de ocupação deste espaço de discussão que é a academia como um espaço de poder racializado e as políticas públicas de acesso de mulheres negras à universidade vêm mudando o cenário da invisibilidade destas mulheres. Antes conhecíamos feministas negras na militância e não na academia, porque lá não havia espaço para esses estudos, uma vez que é majoritariamente branca e masculina, hoje já se tem uma pluralidade de vozes discutindo esses temas. Ainda falta compreensão do que é o feminismo negro e feminismo decolonial, pois os estudos sempre partiram de mulheres feministas do norte global, daí a importância de olhar para a produção das mulheres feministas do sul global, como as latinas e caribenhas. É necessário enfrentar o eurocentrismo sem ter que embranquer, mesmo sabendo que estrategicamente na academia é preciso começar estudando feministas brancas para entrar na sua estrutura e depois acessar o legado de luta e resistência negra, para refutar o jeito branco de manter

esta estrutura. Reconhece ser inegável a importância das políticas públicas para romper com as políticas de exclusão na universidade.

A autora destaca que também é de extrema relevância o exercício da escuta e as aprendizagens com as existências e saberes das mulheres negras, para além do que se estuda na academia. Dialogar com os saberes das avós, dos terreiros, das mulheres que lutam por creches desde os nos anos 80, enfim, é necessário aprender com elas, mais do que ensinar. Mas reconhece que o saber da academia é fundamental, já que é uma luta histórica de um grupo aliado deste processo, são relações muito mais dialéticas do que dicotômicas, por isso, reforça que o saber da academia é um legado de resistência das mulheres das periferias, um lugar de reflexão sobre como esses conhecimentos nos constituem.

Sara Wagner York conversa com Thais.Beto



Link: <https://www.instagram.com/p/B_g6re4JuLu/>

Thaís.Beto é a marca que Thais Emilia Santos prefere usar e ser identificada. Beto na verdade é o seu companheiro e parceiro na luta pelos direitos de pessoas

Intersexo (sempre com “I” maiúsculo, numa conversa tensionada a partir de hooks). Companheiro que durante muito tempo a acompanhou em diferentes atividades em várias cidades e em diversos territórios físicos. A vida da Thais estava literalmente em risco. Vítima de um casamento abusivo e de uma relação tóxica em seu primeiro casamento, Thais.Beto em conversa com Sara Wagner York lançou mão da narrativa autobiográfica para tratar de temas recorrentes ligados ao machismo e ao patriarcado. A live é uma verdadeira aula do que Buarque de Holanda (2018) nomeia como “feminismos da diferença”.

Nesta live, Thais nos conta a sua história. Abusada em sua juventude, revelou estatísticas de violência sexual que normalmente acontece em contextos domésticos, cujo agressor faz parte da família ou do ciclo mais direto da vítima. Relatou situações de abuso no casamento e nas primeiras experiências de maternidade. A história de vida foi diretamente relacionada com referenciais teóricos de estudos de gênero, uma vez que a live também apresentou o livro “Jacob(y), “entre os sexos” e cardiopatas, o que o fez Anjo?” (2020), livro que recomendamos, inclusive. Sara Wagner York é autora do prefácio do livro e revisora do texto, que tem o diário de vida como gênero discursivo. “Jacob(y)” a criança que protagoniza a obra é uma criança Intersexo que veio a óbito por ter nascido cardiopata grave.

O empoderamento de Thais.Beto vem também da sua experiência como mãe, ativista e intelectual feminista que se implica com a causa das pessoas Intersexo diretamente ligada à sua experiência de

maternidade. A luta pela vida de Jacoby, seu filho contou com a presença de diversos parceiros, mas também com diferentes lutas travadas socialmente, inclusive na dimensão dos direitos civis. A live também contou com presença de seu advogado, que a acompanha há muitos anos. Um fecundo debate sobre feminismo e estudos de gênero se materializou neste live, sobretudo pelo que nos alerta Buarque de Holanda:

Os feminismos da diferença assumiram vitoriosos, em seus lugares de fala, como uma das mais legítimas disputas que têm pela frente. Por outro lado, vejo claramente a existência de uma nova geração política, na qual se incluem as feministas, como estratégias práticas criando formas de organização desconhecidas para mim, autônomas, desprezando a mediação representativa, sem lideranças e protagonismos, baseadas em narrativas de si, de experiências pessoais que ecoam coletivas, valorizando mais a ética do que a ideologia, mais a insurgência do que a revolução. (BUARQUE DE HOLANDA, 2018, p. 12).

Tanto Thaís.Beto quanto Sara Wagner York são (trans)feministas da diferença, ou o que Sara tem chamado, feminismo Intersexo (YORK, 2020). A primeira é uma mulher Intersexo que luta pelo empoderamento feminino e pelos direitos civis de pessoas Intersexo. Sara Wagner York é uma mulher trans/travesti que luta pela causa trans e por currículos inclusivos, atuando diretamente na autoria de dispositivos de pesquisa e formação que desmistifiquem preconceitos, denunciem violências e que promovam

inclusões sociais mais amplas. Ambas são mulheres acadêmicas e professoras que lançam mão de suas histórias de vida como dispositivos para a insurgência de ambiências formativas em rede e nas redes. Não à toa, Sara Wagner York se identifica como travesti da Educação e (atuante) na Educação.

Djamila Ribeiro conversa com Ruby Bridges



Link: <<https://www.instagram.com/p/CBgpXhfgdFx/>>

Djamila Ribeiro (Brasil) conversa com Ruby Bridges (Estados Unidos) e diversos temas no campo dos estudos sobre racismo emergem dessa conversa. Destacamos aqui, a importância que Ruby Bridges deu a sua professora branca em sua história de vida e formação. Ruby Bridges, entrou para a história porque foi vítima de racismo. Foi a primeira criança negra a estudar em uma escola branca no estado da Louisiana - Mississippi. Supremacistas brancos e cristãos manifestaram-se contra a presença dela na escola. Professores locais pediram demissão. Mas nada disso afastou a então criança da escola. Além do apoio dado a família, por diversos agentes sociais, uma professora branca veio de outra região e assumiu a classe educando

formalmente Rubi Bridges. A então professora é citada com muito carinho, dando destaque a sua generosidade, solidariedade e profissionalismo.

No texto que apresenta a live, Djamila Ribeiro agradece o ator Bruno Gagliasso “Hoje compartilho a íntegra desse diálogo. Renovo meus agradecimentos ao queridíssimo parceiro @brunogagliasso pela ponte tão bela, potente e inesquecível”. Mas o que justifica pessoas negras darem destaques e agradecerem a pessoas brancas? Na literatura especializada, o tema do “aliado” nos interessa sobremaneira. Acreditamos que sem aliados brancos, que reconhecem seus privilégios históricos em relação a pessoas negras, não poderíamos ter conquistado ontem e atualmente o debate crítico e a luta antirracista. Afinal, o racismo é um problema dos brancos como afirmou Tony Morrison. Por outro lado, a histórica disputa entre mulheres brancas e negras, imprimiram resistências e desconfianças das mulheres negras para com as mulheres brancas. Nos alerta hooks:

Precisamos investigar porque de repente perdemos a capacidade de exercer a habilidade e o carinho quando confrontamos umas às outras de um lado ou do outro das diferenças de raça e de classe. (...). Temos que produzir mais trabalhos escritos e testemunhos orais que documentem as maneiras pelas quais as barreiras são derrubadas, as coalizões se formam e a solidariedade é partilhada. São estes dados que vão renovar a esperança e proporcionar estratégias e direções para o movimento feminista do futuro. (HOOKS, 2017, p. 148).

A live em questão é um belo exemplo de testemunho oral de alguém que só teve a compreensão do racismo sofrido em sua infância, porque apesar da violência sofrida foi também acolhida não só por pessoas e movimentos antirracistas negros, mas também por memórias de bons diálogos com processos formativos fecundos mediados em sua infância por uma professora branca antirracista. Em seu mais recente livro, Ribeiro destaca também: “Pessoas brancas devem se responsabilizar criticamente pelo sistema de opressão que as privilegia historicamente, produzindo desigualdades, e pessoas negras podem se conscientizar dos processos históricos, para não reproduzi-los”. (RIBEIRO, 2019, p. 36).

Jornada Feminismos Plurais - Colorismo com Alessandra Devusky e Djamila Ribeiro



Link: <https://www.youtube.com/watch?v=4_u2mRK0Rr0>

Tema que nos implica diretamente, o colorismo é um tema muito oportuno para entendermos as diferentes formas de expressões do racismo e dos privilégios que pessoas negras de pele não retinta vivenciam em relação a pessoas negras de pele retinta e

que também apresentam feições menos europeias ou padronizadas esteticamente como brancas, logo, sinônimo de “belo, normal e aceito”. No Brasil, a miscigenação tem origem na cultura do estupro praticada por homens brancos durante mais de 300 anos de escravização e não escravidão. Dentro do próprio projeto de escravização o colorismo foi usado como método de desarticulação do povo negro. Uma pessoa de pele clara, recebia vantagens da casa grande e muitas vezes ocupava posições de pessoas brancas no lugar de opressor. Após a abolição este processo continuou em curso por conta de práticas de eugenia, principalmente via políticas que favoreceram a imigração europeia e a exclusão intencional de pessoas negras libertas, que foram entregues a si mesmas, não usufruindo de políticas de inclusão sócio cultural, sendo sempre associadas a marginalização e a processos perversos de subjugação de suas identidades. Pessoas negras de pele retinta foram associadas a perigo, feiura, subjugação por conta de seu fenótipo.

Obviamente, temos que considerar também as relações inter-raciais promovidas pela interação amorosa de pessoas de etnias distintas ao longo da história. Este processo de “colorismo”, aconteceu de diferentes formas em diferentes países e ou continentes. O ser “pardo” no Brasil nos apresenta uma complexidade enorme. A “parte” negra dessa mistura, muitas vezes foi e ainda é apagada via processos de socialização que privilegiaram apenas a cultura branca e suas marcas culturais. O racismo religioso, por exemplo, não só ignora as religiões de matrizes africanas como

também as excluem e as desumanizam. De acordo com Piedade:

O Racismo Mata. Maltrata. Exclui. Sataniza. E olha que não fomos Nós que inventamos o demônio. Já foram combatidos pela colonização. Agora, somos atacados pelo fundamentalismo. Temos muros pichados, com dizeres demonizando nossa Fé. Desrespeito e discriminação no trabalho. Na rua. Nas escolas. Na vizinhança, tudo porque temos outra forma de ver o mundo, cujas origens e raízes são guardadas na matriz africana. O Racismo Religioso não nos dá tréguas. Por isso precisamos caminhar!. (PIEDADE, 2017, 37).

Por estas e outras situações, as pessoas de lidas como brancas e não retintas, muitas vezes são literalmente ignorantes, no sentido de desconhecer sua herança negra ancestral que se materializa pela exclusão da cultura e processo de subjetivação advindas dessa mesma ancestralidade. Alerta-nos Piedade:

Dororidade trata o seu texto, subtexto, das violências que nos atingem, a cada minuto. (...) Sororidade une, irmana, mas Não basta para Nós – Mulheres Pretas, Jovens Pretas. Eu falo de um lugar marcado pela ausência. Pelo silêncio histórico. Pelo não lugar. Pela invisibilidade de Não Ser, sendo. (PIEDADE, 2017, 16-17).

Na live em questão, estas e outras problemáticas são trazidas inclusive para recuperar o lugar de fala das pessoas negras de pele clara como pertencentes ao “povo negro”, pessoas de pele negra mais escuras, também tem dificuldades de reconhecer pessoas de pele negra mais claras, uma vez que estas últimas não passam pelos

mesmos processos de dororidade, sofridos por pessoas negras de pele mais escura. Muitas mudanças vem acontecendo neste campo, graças a processos de formação ao longo da vida. As lives que emergem nestes tempos de pandemia, tem sido ambiências formativas fecundas para a insurgência desses processos formativos em rede.

Sororidade e Dororidade, juntas no combate da COVID 19! Vilma Piedade, SBPC-SC e Ciência da Ciência



Link: <<https://www.youtube.com/watch?v=j5B1VGqFo3s&feature=youtu.be>>

Quando falamos em sororidade e dororidade em tempos de pandemia, para Vilma Piedade, estamos também falando de solidariedade. Sororidade é a irmandade entre as mulheres na luta por seus direitos e, assim como a solidariedade, não tem cor. Porém, quando falamos em dororidade temos que pensar na questão racial e seus múltiplos atravessamentos. Pois o racismo é estrutural, institucional, histórico, linguístico, recreativo e constrói discursos racistas. Vilma Piedade destaca que, embora não tem o lugar de fala das

comunidades e periferias do Rio de Janeiro, sabe que a sororidade e a solidariedade estão presentes nas práticas de mulheres durante a pandemia, na confecção de máscaras para doação, kits de cestas básicas, álcool em gel e ensinando a higienizar as mãos, por exemplo. Estas mulheres se unem pela dor provocada pelo machismo histórico, pois para mulheres pretas, para além disso, há as questões de raça, classe, gênero e racismo, como uma dor a mais, que as torna mais vulneráveis para determinadas situações que a pandemia escancara, como as desigualdades sociais e raciais.

É a sororidade na dororidade em tempos de pandemia, ou seja, em um momento de dor essas mulheres são capazes de gestos de solidariedade pegando uma na mão da outra para ajuda mútua. Por determinação da defensoria Pública da União (DPU) há que se declarar raça e cor de quem está morrendo de COVID-19, pois segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) o vírus é mais letal para a população preta e parda, pelas condições em que vivem e pela falta de acesso a serviços de saúde, e isso se agrava ainda mais para as mulheres. Por isso, elas lutam para transformar a sua dor em potência.

Para Vilma Piedade o conceito feminista de dororidade traz consigo o silenciamento, a dor histórica, a vida e a invisibilidade dessas mulheres e dialoga com a sororidade entre elas. Dororidade está nas redes sociais e na boca de jovens em diferentes grupos como um conjunto de ideias e apropriações, para as quais “dororidade é a empatia entre mulheres negras unidas pelas suas dores comuns”.

Referências

- BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. **Explosão feminista**. Arte, cultura, política e universidade. SP: Companhia das Letras, 2018.
- BURNHAM, Teresinha Fróes. **Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade**: três referências polêmicas para a compreensão do currículo escolar. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (org). Reflexões em torno da abordagem multirreferencial. São Carlos: EdUFSCar, 1998. p. 35-55.
- CRENSHAW, Kimberle. **Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color**. Stan. L. Rev., v. 43, p. 1241, 1990.
- FRANÇA, Alexandre Nabor Mathias. **"Movimentos sociais e o Programa Rio Sem Homofobia: uma trajetória de luta por políticas públicas e o reconhecimento da cidadania LGBT no Rio de Janeiro."** Rio de Janeiro (2018)
- HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue. Antropologia do ciborgue**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**. A educação como prática da liberdade. SP: Editora Martins Fontes, 2017.
- KJUS, Y. Live and Recorded. **Music Experience in the Digital Millennium**. Palgrave Macmillan, 2018.
- GEORGE, Orwell. **1984**. Pandora's Box, 2017.
- PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. SP: Editora Nós, 2017.

- SANTOS, Edméa. **#livesdemaio... Educações em tempos de pandemia**. Revista Docência e Cibercultura. Notícias Online, 2020.
- SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na Cibercultura**. Teresina. EDUFPI, 2019. Acesso gratuito na aba "Livros", Disponível online:<
www.edmeasantos.pro.br>.
- SANTOS, Thais Emilia de Campos. Jacob (y), **"Entre os sexos" e cardiopatas, o que o fez Anjo?** SP: Scortecci, 2020.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Editora UFMG, 2010.
- YORK, Sara Wagner / GONÇALVES JR, Sara Wagner Pimenta. **TIA, VOCÊ É HOMEM? Trans da/na educação: Des(a)fiando e ocupando os "sistemas" de Pós-Graduação**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2020.

“POLE DANCE”: ENTRE PRECONCEITOS, INVENÇÕES CIBERFEMINISTAS E EDUCAÇÃO ONLINE



measantos



Quando soube que o “recebido” vinha da @britto_analu já tinha certeza que amaria super. Sou muito fã de Luíza, artista plástica e professora de Artes, companheira de bons verões na nossa Salvador e principalmente na nossa Barra nossa vida. Que saudade 😊 de nossas lavagens, shows e do nosso carnaval. Luiza dessa vez me emocionou de um jeito tão especial. Durante esta pandemia, venho intensificando a pesquisa com o ciberfeminismo. Aprendendo muito com mulheres e seus dispositivos autorais nas redes sociais, mais especificamente no Instagram. Dos vários dispositivos que cartografei o Pole é um dos meus preferidos. Mais que denunciar a objetificação dos nossos corpos, pole dancers vão além. Os corpos em movimentos são os dispositivos! Dão na cara do patriarcado desestabilizando imaginários e imprimindo com outras estéticas muita autoria. Escrevi um texto que tem inspirado alguns estudantes e também pesquisadores mais experientes. Histórias de vida e formação, narrativas filmavas e literárias nas redes integram a bricolagem. Partilho este recebido lindo, pelo menos sua imagem, com @thais.beto e @caverbuck mulheres admiráveis ... Pole dance, liberta! Obrigada @britto_analu! E quem não leu a notícia: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/doc/announcement/view/1178@sarawagneryork> e @fernandes_tere dedico também a vocês este recebido , minhas parceiras nesta aventura pensada .

CAPÍTULO 4

“POLE DANCE”: ENTRE PRECONCEITOS, INVENÇÕES CIBERFEMINISTAS E EDUCAÇÃO ONLINE

Edméa Santos (UFRRJ)

Entre outras práticas, o ciberfeminismo se caracteriza pelo protagonismo de mulheres na cibercultura. Neste texto especificamente, tratamos do tema da pole dance como dispositivo de práticas feministas que lançam mão da arte e das expressões corporais combinadas com narrativas digitais para o exercício de suas práticas ativistas. Em tempos de pandemia da covid-19, os ativismos feministas são muitas vezes criticados e ignorados pela grande parte da sociedade, inclusive por órgãos e instituições do Estado que deveriam apoiar o cidadão e a cidadã no exercício dos seus direitos, inclusive no âmbito dos direitos civis.

Partimos da abordagem multirreferencial de pesquisa, que busca dialogar com uma pluralidade heterogênea de saberes e referenciais. Para tanto, dialogamos com narrativas, imagens e sons de mulheres no ciberespaço, mais especificamente nas plataformas Instagram e Facebook. Este campo empírico conta também com o diálogo de narrativas filmicas, que, no conjunto, nos ajudam a dialogar com estudos da

cibercultura e do campo de estudos de gênero e sexualidades.

Em plena quarenta da pandemia da covid-19, nos deparamos com a triste narrativa de Thaís Beto – nome social utilizado por Thaís Santos –, doutora em Educação e feminista ativista no campo dos direitos de pessoas intersexo, em sua página no Facebook. Como dissemos anteriormente, Thaís Beto é doutora em Educação. Este texto, com redação trucada e confusa, por si só já revela um pedido de socorro. Essa mulher encontra-se em perigo e em sofrimento. É um pedido de socorro. Nos solidarizamos, admiramos sua coragem. Lamentamos os limites da justiça brasileira. Com esta narrativa, podemos disparar aqui várias discussões sobre as condições de vida das mulheres, vítimas do patriarcado. O ativismo de Thais Santos é marcado pela sua história pessoal e luta cotidiana. Vejamos a narrativa a seguir:



Thaís Beto

13 h · 



Gente...eu cansei de fingir q está tudo bem. A situação é bem pesada. O pai biológico de meus dois filhos mais velhos nunca parou de me perseguir. Eu já desisti da justiça pq se fossem seguir a lei Maria da Penha ele teria q estar preso por anos....mas...o q adianta uma bela lei se os juízes acham pole dance mais perigoso para sociedade q um feminicídio? Meus filhos foram ameaçados por ele em visitas. Sofreram várias coisas. A justiça proibiu visitas por 3 anos. Ele ficou 3 anos sem pagar pensão direito. Só para qdo sai mandato de prisão. Esse ano numa audiência de conciliação (para mim de coação) impuseram volta de visita assistida. Teve uma. Os meninos foram obrigados a ir. Passaram mal. Realmente não Sei qdo e como isso vai ter fim. Meus filhos tem traumas profundos de tudo q ele fez. Pedem para não conviver com o pai e ele fica telefonando. Rodando o prédio e nossas vidas . Ameaçou nos matar. Já diz vários b.o. Mas...pra que? A justiça funciona meia boca. Sequestrou os filhos em 2017. Fez coisas horríveis. Os meninos contam absurdos . Cansada de tudo isso. O pior é q tenho até medo de escrever tudo de mal q ele nos faz. E fez. Espero não ser aproxima notícia de feminicídio. Ele tb ameaça os filhos e Beto. Diz q vai se jogar com o carro com as crianças dentro de frente p um caminhão só p me ver sofrer. Q se me ver atravessando a rua com minha filha e de Beto irá atropelar. Cansada.....de TUDO

Thais Beto viveu uma relação tóxica em seu primeiro relacionamento. Com muita luta e estudo, conseguiu romper com essa relação, produzindo narrativas autobiográficas feministas. Em seu livro, Santos (2020) realiza um diálogo formativo bricolando sua autobiografia com estudos de gênero, sexualidade e educação. Foi mãe de uma criança intersexo e cardiopata. Com essa experiência, ela educa e ajuda muitas famílias e educadores a lidarem com a educação e os direitos humanos de pessoas intersexo. É uma referência para todas nós. Mesmo assim, continua na luta pela sua vida, segurança e liberdade de expressão. O que nos faz abrir este texto sobre pole dance com a narrativa de Thaís Beto? Destacamos o trecho: “[...] O pai biológico de meus dois filhos mais velhos nunca parou de me perseguir. Eu já desisti da justiça pq se fossem seguir a lei Maria da Penha ele teria que estar preso por anos...mas.. o q adianta uma bela lei se os juízes acham pole dance mais perigoso para a sociedade q um feminicídio?”. (grifos nossos)

Segundo a própria Thais Santos, em conversa online para a pesquisa em questão, ela foi vítima de tentativa de feminicídio em 2015, ao buscar seus filhos de uma visita o pai biológico tentou mata-la derrubando no chão, arrastando-a e tentando a enforcar. O homicídio só não ocorreu porque um homem passou na rua e começou a gritar e o agressor parou, Thais entrou no carro com as crianças e fugiu. Passou a noite no hospital sendo medicada e encaminhada ao IML e no mesmo dia foi concedida Medida Protetiva. Um ano depois, na audiência criminal, seu agressor foi absolvido ao meio

de uma audiência constituída apenas por homens, onde o promotor que deveria defender Thais, então vítima, perguntava e questionava várias vezes junto com o advogado de defesa do agressor que Thais praticava uma “modalidade Excêntrica – pole dance” (palavras do promotor). Tal atividade na justificativa da defesa é o que teria deixado marcas no corpo de Thais e não as agressões, mesmo tendo arranhões e marcas de enforcamento, além de medicamentos relatados pelos médicos. O advogado de defesa chega ao ponto de mostrar fotos de Thais praticando pole dance para todos os homens presentes na audiência. Após esse devaneio da coletividade machista ali presente, o juiz resolve por dispensar o testemunho das crianças que viram a mãe ser agredida e enforcada e absolve o agressor por falta de provas, desconsiderando o corpo delito, e as testemunhas. O pole dance era mais “excetrico” que uma mãe quase ser morta na frente de seus filhos.

No contexto de nossos estudos e pesquisas (trans)feministas, destacamos o ciberfeminismo como um fenômeno da cibercultura. Práticas e eventos de multiletramentos críticos de mulheres e aliados na internet vêm sendo materializadas cotidianamente. Segundo a Wikipédia, a enciclopédia livre:

Pole dance (em português: **dança do cano** ou, ainda, **dança do poste** – literalmente –, também conhecida como **barra americana**) é uma forma de dança e ginástica. Originária da Inglaterra dos anos 1980,[1][2] foi introduzida em Portugal em 2005 pela escola Círculo de Dança de Lisboa.[3] Trata-se de uma dança [4], utilizando, como elemento, um poste ou barra vertical

sobre o qual o(a) bailarino(a) realiza sua atuação. Este termo é comumente associado ao âmbito dos strip clubs, porém, recentemente, também vem se utilizando o termo pole dance artístico nos cabarés e nos circos em espetáculos acrobáticos que não apelam ao erotismo como ferramenta visual. Existem diferentes vertentes de pole dance. Antigamente associado às casas noturnas e ao strip-tease, o pole dance assume, hoje, outras vertentes, como, por exemplo, o pole dance fitness, para a finalidade de trabalhar determinados grupos musculares, ficar com o corpo em forma e praticar algum desporto. Há o pole dance artístico, que visa mais ao lado acrobático e que é incorporado principalmente em espetáculos de performance, no circo etc. E também o pole dance sensual ou erótico, que é o que se vê nos strip clubs e que visa mais ao lapornoresistência. Nos strip clubs, o pole dance se realiza de forma não tão ginástica, mas também acompanhado de um strip-tease. (Wikipédia).

Sabemos que a Wikipédia é aberta e pode ser editada a qualquer momento. Sendo assim, sugerimos a incorporação de mais alguns elementos. A pole dance para muitas mulheres, em especial as feministas, é expressão de poder. Dispositivo de autoconhecimento, liberdade de expressão, controle de seus corpos, desejos, capital sexual. Mais que criticar as narrativas e práticas machistas que concebem os corpos das mulheres como objetos de consumo, as (trans)feministas, lançam mão de seus corpos para demarcar seus territórios de poder e autocontrole. O corpo e suas expressões são capitais. “Meu corpo, minhas regras!” Expressão que para nós, feministas, é palavra de ordem, narrativa de luta.



thais.beto





thais.beto



joaojunior870
E vc's como estão?

[Ver informações](#)

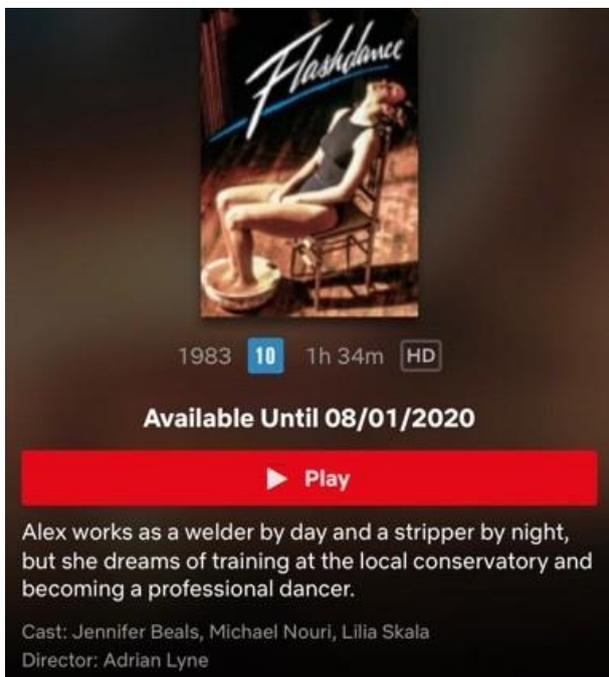
[Promover](#)

Fonte: @thais.beto, perfil do Instagram

Thaís Beto pratica em sua casa a pole dance com toda a família. Com seu atual marido e seus três filhos, ela se exercita, testa seus limites, integra sua família, pratica atividade física e higiene mental. Além de educar e ensinar outras mulheres a conquistarem sua

autonomia, vida e educação sexual. Thaís grava vídeos, ministra aulas, faz oficinas online com e sobre a pole dance. Essas práticas, segundo ela, não são compreendidas pela justiça. Mas de onde vem tanto preconceito, de quem deveria, pelo menos, valorizar práticas culturais em contexto? O que faz a prática da pole dance ser tão criticada e refutada, inclusive por autoridades que deveriam praticar o princípio do respeito e tolerância às diferentes linguagens para a liberdade de expressão, garantido pela Constituição brasileira?

Muitas vezes a pole dance nos é apresentada como prática artística de menor valor, pelo fato de muitas vezes se relacionar com ambientes de prostituição e degradação da imagem da mulher, segundo valores instituídos pela sociedade mais conservadora. Em algumas narrativas cinematográficas, constatamos essa situação. Podemos aqui citar dois filmes, criados em diferentes épocas, hoje em circulação por plataformas de streaming. Plataformas essas que estão garantindo diferentes experiências estéticas na quarentena, uma vez que não podemos, neste momento, frequentar salas de cinemas. Vejamos:



Fonte: Flashdance.

A *pole dance*, aparece no filme *Flashdance* (1983) sendo praticado em boates periféricas. As dançarinas aparecem nessas boates com seus corpos expostos, dançando e performando. O clássico filme narra a história de uma dançarina que sonhava em ser bailarina profissional e estudar dança profissionalmente. Sonho que se concretiza com muita luta e trabalho. A personagem é uma trabalhadora da construção civil e da dança em bares masculinos.



Fonte: As golpistas. Confira na plataforma Prime Video.

As golpistas (2019) é baseado em uma história real, de um grupo de mulheres que se organizavam para roubar homens que frequentavam boates na região financeira do Wall Street, em Nova York. Elas drogavam os homens e furtavam seus cartões de crédito. Apesar de serem seguras com seus corpos e suas finanças, eram criminosas. A pole dance aparece nesse contexto como um espaço de performance, onde corpos são expostos

para consumo em Wall Street. A cena da performance solo da protagonista é lindíssima. Artística.

Por mais que queiramos valorizar o papel da mulher no mundo do trabalho, para além da exposição de seus corpos, não podemos negar que essa exposição é legítima e que não deve ser julgada e muito menos ignorada. A liberdade de expressão e o livre-arbítrio são direitos garantidos por lei. Por outro lado, temos de forjar políticas de formação e trabalho que permitam mais acesso a postos de trabalho que valorizem competências diversas e que não dependam exclusivamente da exposição e ou venda dos corpos femininos.

Por outro lado, não podemos negar que historicamente nossos corpos foram controlados, vigiados e utilizados contra nós mesmas, também para justificar formas de violência física e simbólica praticadas pelo patriarcado, ao longo da história da humanidade. Sendo assim, o movimento feminista de quarta onda, ou explosão feminista, vem lançando mão do corpo feminino como dispositivo de luta e poder. Só para citar um exemplo, vejamos o movimento da Marcha das Vadias, em que as mulheres ocupam as ruas expondo seus corpos nus ou seminus como um direito, para lembrar que corpos de mulheres não podem ser violados e muito menos acessados sem o consentimento delas.

Neste sentido, vemos que a pole dance tem sido também uma prática que agrega valor a essa luta das mulheres pelo controle dos próprios corpos. Expressão esportista e artística, praticada em diferentes redes educativas, a exemplo de academias femininas, lares e

também transmitidas pelo ciberespaço através de redes sociais, como, por exemplo, o Instagram. Ao contrário das narrativas fílmicas expostas acima, as mulheres que atualmente têm praticado e trazido ao pole dance para a cena (trans)feminista são profissionais das mais diversas áreas do conhecimento: escritoras, educadoras, ativistas.

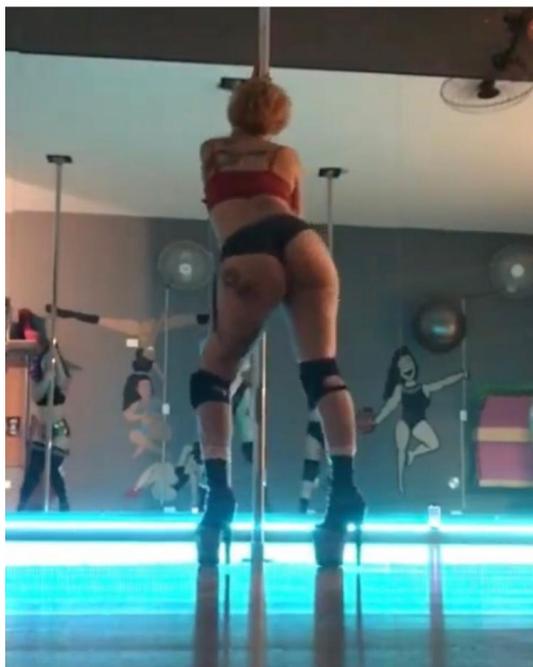
Entre as mais diversas manifestações, destacamos algumas feministas que se expressam em suas páginas do Instagram expondo suas práticas e atitudes com a pole dance. Vejamos abaixo alguns perfis de feministas que compartilham suas práticas de pole dance em seus perfis no Instagram, através de microvídeos e ou fotografias. Essas narrativas imagéticas são disparadoras de conversas e debates densos em torno dos direitos de expressão das mulheres na contemporaneidade. Vale a pena cartografar e aprender com essas e outras ciberfeministas.



The image shows a screenshot of an Instagram profile for Clara Averbuck. At the top left is a back arrow, followed by the username 'caverbuck' with a verified badge and a three-dot menu icon. Below this is a circular profile picture of Clara Averbuck, a woman with blonde hair. To the right of the profile picture are statistics: '6.397' (Publicações), '45,5 mil' (Seguidores), and '4.766' (Seguindo). Below the statistics is the name 'Clara Averbuck' and the role 'Autor(a)'. Her bio includes: a lightning bolt icon for 'escritora de 9 livros e mil coisas', a speech bubble icon for '@revistaforum + @podcastde4', a butterfly icon for '9 livros publicados', and a speech bubble icon for 'professora de escrita criativa... mais'. At the bottom of the bio is the website 'claraaverbuck.com'. Below the bio, it says 'Seguido por dudubertholini, guajajarasonia e outras 58 pessoas' and a link to 'Ver tradução'.



caverbuck



Curtido por maira_mello e outras pessoas

caverbuck Saudade de dançar com as amiguinhas né minha filha? Não mexer o corpo tem sido bem ruim, mas agora me sinto compelida a usar a... mais

Narrativas cinematográficas mais recentes apresentam a práticas de danças sensuais, não mais como uma alternativa profissional para mulheres em situação de vulnerabilidade, mas também como prática artística e de autoconhecimento de mulheres de diferentes classes sociais, áreas de conhecimento e em

processos de formação e subjetivações plurais. Vejamos a seguir um exemplo mais recente:



Fonte: Easy. Ver segunda temporada, episódio 7.
Plataforma Netflix.

No episódio 7 da segunda temporada da série Easy, apresentada na plataforma Netflix, temos a expressão da protagonista protagonizada pela prática da dança burlesca. Com essa narrativa, podemos discutir diversas práticas feministas de forma interseccional, pondo em xeque o limite do feminismo branco. Mesmo que esse feminismo seja LGBTQI+. Questões de classe e étnico-raciais muitas vezes são ignoradas. Para pensarmos juntas...

Bricolar expressões da cibercultura, narrativas fílmicas, literaturas, textos científicos, amplia sobremaneira nossos repertórios. Pesquisar na cibercultura é atentar para a emergência de seus

fenômenos. Mais que descrevê-los densamente, devemos adentrá-los. Dialogar com as narrativas, imagens e sons dos praticantes culturais, escutar e dialogar com seus dilemas e etnométodos, lançar mão dos potenciais das linguagens hipermídias e forjar a comunicação dialógica e interativa em multiplataformas. Que a narrativa de Thaís Beto seja escutada e que sensibilize a justiça brasileira, mas que também possa inspirar, ainda mais, a nossa luta por mais educação, ciência e tecnologia, e muita arte. Vamos nos movimentar! Nossos corpos são armas de guerra! Por mais liberdade de expressão e menos controle dos corpos e mentes alheias...

Práticas ciberfeministas muitas vezes são atreladas a práticas de educação online em tempos pandêmicos. Aproveitamos este canal para partilhar a memória de nossas #lives realizadas nos meses de julho e agosto. Elas são disparadoras de mais educações, uma vez que podem ser reutilizados, como artefatos curriculares, em diferentes ambiências formativas no ciberespaço. A educação Online é um fenômeno da cibercultura. É muito mais que educação a distância! Outras presencialidades, para menos distâncias e mais conhecimento.

Referências

SANTOS, Thaís Emília de Campos. **Jacob(y), “entre os sexos” e cardiopatias: o que fez anjo?** SP: Scortecci, 2020.

**LETRAMENTO RACIAL PARA TODAS AS
PESSOAS! INCLUSIVE PARA
CIENTISTAS...**



alelimas10



CAPÍTULO 5

LETRAMENTO RACIAL PARA TODAS AS PESSOAS! INCLUSIVE PARA CIENTISTAS...

Edméa Santos (UFRRJ)

BBB 2021 acabou e entramos noutro, a CPI da Seria entretenimento se não fosse trágico. Mais de 1 brasileiros mortos pelo vírus e pela ausência de políticas públicas e lideranças responsáveis. Todos nós conhecemos ou temos notícias de pessoas que lamentavelmente fazem para dessa estatística. A demora pela compra das vacinas, ausência de campanhas nacionais sintonizadas com a Ciência global e a Fake News em torno de um tal “tratamento precoce”, são apenas alguns temas da atual CPI liderada pelo Senado Brasileiro. CPI esta que se constitui em dispositivo de esperança e expressão de democracia. CPI esta liderada também por personagens golpistas, que direta ou indiretamente são responsáveis por este estado de “democracia em vertigem”.

Dos diversos depoimentos que estamos acompanhando nos últimos meses, destaco o fenômeno que foi o depoimento da médica infectologista Luana Araújo. Eu me emocionei diversas vezes com o depoimento da médica infectologista Luana Araújo, no

último dia 1º. de junho, na CPI da Covid-19. Sem elevar o tom de voz e sem tomar posição político-partidária, por mais difícil que isso seja na atual conjuntura, a depoente deu um show de competência técnica e comunicacional. Discorreu sobre pontos importantes sobre a complexidade da pandemia da covid-19 no Brasil e no mundo. Deixou muito clara a inexistência do tratamento precoce, refutou fake news sobre a eficácia da substância hidroxicloroquina para tratamento de covid-19, valorizou a Ciência e sobretudo o trabalho e a importância das políticas públicas de saúde. Sua oratória foi marcada por narrativas científicas, boas analogias, legendas e sobretudo, muito didática. Esta última extremamente elogiada pelos senadores de oposição e até por governistas. Muitas foram as expressões de identificação e admiração que circularam nas redes sociais.



Edmea Santos

1 d · 🌐

Me emocionei muitas vezes hoje com várias falas da Luana Araujo . Muitas vezes pensei em nós, muitas vezes chorei pela constatação da barbarie praticada neste país. Mas tive também momentos de esperança . Estamos vivas e vamos reconstruir tudo isso com nossas gentes , com nossos repertórios de luta e de muita autoria e parcerias que temos . Educação , ciência , tecnologias , artes , ética , saberes dos cotidianos , políticas públicas . Hoje ficou bem claro , mais uma vez, o que este governo optou em não agregar em seu projeto . Optou pela morte ! Optou pela ignorância . Minerva não nos abandonará jamais ! Estamos juntas !



Ivana Bentes

1 d · 🌐

Filha de Minerva ! Extraordinário o depoimento na CPI da Covid da médica Luana Araújo, além de trazer consensos científicos, informações qualificadas e posicionamentos éticos, ela é formada pela UFRJ. "Sim, sou filha de Minerva!" Pra quem não sabe a deusa Minerva é o símbolo da [#ufrj](#) ! Deusa da sabedoria e das artes! Viva a educação pública que forma luanas em todo o Brasil ! [#eudefendoaufrj](#)

Como acadêmica que sou, fiquei muito impressionada com sua competência didática em contrastar métodos e esclarecer equívocos cometidos por senadores governistas que defenderam, com supostos dados de pesquisa, que o uso do “tratamento precoce” era uma tese que dividia médicos e cientistas. Ela falou

de “meta-análises” a “revisões sistemáticas da literatura”. Falou sobre “ciência malfeita” e “ciência bem-feita”. Tomou muito cuidado para não criticar diretamente o governo, o presidente da República e suas ações desastrosas e atos anticivilização, nada empáticos, e ignorantes pronunciamentos. Limitou-se a responder “que doía muito” assistir aos depoimentos presidenciais num difícil momento de nossas vidas, em que pessoas morrem por falta de ar...

Ao contrário do que muita gente pensa, inclusive no meio acadêmico, fazer análises contrastivas nos permite revelar a “diferença. O que isso significa? Sem necessariamente fazer juízos de valor ou deslegitimar um saber em detrimento de outro, os contrastes nos permitem visualizar posições éticas, estéticas e sobretudo políticas. Por mais que a médica Luana afirme que sua fala é sempre “técnica” e baseada na “Ciência”, com inicial maiúscula, sabemos que não há “arte do fazer”, ou se seja, técnica, que não seja em si um ato político, uma vez que toda atividade humana é essencialmente política. Dizer que não age e não fala com viés político já é em si um ato político, uma escolha, uma opção de poder.

Mas o que queremos contrastar mesmo? No dia anterior ao depoimento da infectologista Luana Araújo, tivemos o depoimento da dra. Nise, essa sim é doutora porque fez doutorado. No meio médico e do direito, convencionou-se chamar de “doutor” médicos e advogados que não cursaram o curso de doutorado. De todo modo, a então dra. Nise só nos constrangeu. Revelou sua opção pela experimentação irresponsável

pelo uso da cloroquina. Foi extremamente constrangida pelo senador Otto Alencar, também médico, que a questionou sobre diferentes pontos da infectologia. Além de não responder ou se equivocar diversas vezes, a então doutora, mostrou muito bem as opções que o atual governo fez em prol da “imunização de rebanho”, do ineficaz “tratamento precoce” e da negligência inicial na gestão de compras das vacinas já disponíveis no mercado. Foi realmente constrangedor, e aqui faço mesmo juízo de valor. Senti-me constrangida, indignada, extremamente triste e envergonhada ao assistir, com quase um país inteiro, a praticamente uma confissão de um crime contra a humanidade. Afinal, muitas mortes poderiam, sim, ter sido evitadas. Evitadas com campanhas federais de prevenção e vacinação em massa.

15:59



Publicação de Edmea



Edmea Santos

1 d · 🌐

Confesso que me doeu muito assistir a um massacre e ficar do lado do homem branco . Ela , uma mulher médica não branca, foi humilhada . Muito triste saber que a opção dela foi pela ignorância , pelo negacionismo da vacina 📄, pela irresponsabilidade , pelo privilégio da consultoria . Foi muito triste 😞 também ouvir outro senador , a serviço do projeto de morte , dizer que as vítimas foram suicidas , porque não buscaram a cloroquina como tratamento , colocando a culpa na ciência . Este país perdeu totalmente sua civilidade . Mas nós vamos vencer . Vamos reconstruir tudo . Quero poder esquecer tudo isso . Mas não praticarei o "direito ao esquecimento " . Temos que lembrar de tudo isso para nunca mais viver esta barbarie novamente . Otto lançou mão da lógica e da estética da destruição do outro . Lamentavelmente . Mas eu não sei se poderia ser mesmo diferente . São mais de 450 mil Mortes. Não podemos mesmo tolerar . A coisa ficou insuportável 😞



Curtir



Comentar



Compartilhar



Tatiana Rossini e outras 103 pessoas

10 compartilhamentos

Sendo assim, acordar noutro dia e assistir ao depoimento da médica Luana me fez esperar. Não me senti tão entregue ao desgoverno. Afinal, estamos vivos e estamos com tantas gentes como nós. Pessoas educadas, crentes nas e das políticas públicas de saúde e

educação, por exemplo. Enfim, o Brasil todo saudou a dra. Luana e pôde mais uma vez compreender por que o atual governo não contou com profissionais realmente capacitados na gestão da saúde pública em nosso país no contexto da pandemia da covid-19.

Por pesquisar com e nas redes sociais, compartilhei depoimentos e recebi muitas marcações de mensagens nas mais diversas e diferentes linguagens. De depoimentos a memes. Prints de tela não deixaram de ser circulados com todas essas narrativas também por troca de mensagens privadas por aplicativos como WhatsApp e Telegram. Das mais variados trocas uma chamou a minha atenção. No dia anterior ao depoimento da infectologista Luana Araújo, ela dispunha de 61,3 mil seguidores. Um dia após seu depoimento na CPI, esse número avançou para mais de 100.000 novos acessos. Eu, inclusive, faço parte da atual estatística. Passei a segui-la desde então, obviamente para fins de pesquisa com e as redes sociais.



drluanaaraujo



1.748

Publicações

61,3 mil

Seguidores

388

Seguindo

LUANA

Educação

Infectologista -

Epidemiologista - Palestrante

- Consultora em Saúde

Pública Global... mais

www.des-infectando.com.br/

Seguido por **brasilfedecovid,**

profmarcelorsantos e outras

7 pessoas

Ver tradução

Seguir

Mensagem



COVID-19



Music



Baltimore

< **drluanaaraujo** ...



1.747 **160 mil** **388**
Publicações Seguidores Seguindo

LUANA
Educação
Infectologista -
Epidemiologista - Palestrante
- Consultora em Saúde
Pública Global... mais
www.des-infectando.com.br/
Seguido por
margarethmenezes,
victorgoisp e outras **22**
pessoas
Ver tradução

Seguir Mensagem ▾



COVID-19



Music



Baltimore

Tendo um perfil aberto na rede social Instagram, comecei a navegar por suas narrativas, imagens e sons. Estes são os nossos “dados” e ou material de pesquisa para quem cartografa, etnógrafa e ou pesquisa com os cotidianos na cibercultura. O ciberespaço, que é a internet habitada por seres humanos e objetos técnicos

em processos de comunicação, é o nosso campo de pesquisa. Nossas “fontes” são todos os rastros que os praticantes culturais deixam em forma de narrativas, imagens e sons. Sendo assim, me deparei com a atuação da Luana no Instagram. Encontrei narrativas de viagens, rastros de momentos de sua atividade profissional, lindas selfies com seu marido (que por sinal foi descoberto como o boy da vez). Destaco solos de jazz lindíssimos, com poesias, dicas de livros. Por outro lado, um desses rastros chama a minha atenção e o destaco aqui para falarmos exatamente sobre o tema que marca o título desta notícia:





drluanaaraujo



Curtido por flaviaol e outras 696 pessoas

drluanaaraujo Three generation of women: my grandmother, me and my mom. They are black. My father is white. I am not black. I'm not white. I'm a very proud mixed girl. I have it all in me.

Today, 05/13, we celebrate the national day of the abolition of slavery in Brazil, which happened only 131 years ago.

Historically speaking, that's yesterday.

We still have so much to learn.

____ #family #grandmother #mother #abolitionofslavery
#aboliçãodaescravatura #princesaisabel #notblack

“Letramento racial”

Nossos temas de estudo, pesquisa, estão sempre ligados às nossas implicações científicas, éticas, estéticas,

políticas e também libidinais. Ao nos depararmos com as narrativas dos praticantes que vêm ao nosso encontro via empiria, significamos essas narrativas, que evidenciam todo o seu repertório de vida e formação. Nossos leitores do e com o mundo, o nosso mundo é produzido por nossas experiências como sujeitos cognoscentes e sobretudo como praticantes culturais. Minha pesquisa no campo da Cibercultura / Educação se interessa pela compreensão de fenômenos, que passam por questões e implicações interseccionais. Sou uma pesquisadora parda, nordestina, que atuo com lugar de destaque há mais de 15 anos na região Sudeste do Brasil. O contexto científico é marcado pela presença de pessoas brancas, de classe média ou média alta, masculina e quase sempre cis com práticas heteronormativas.

Vale lembrar que, na semana anterior, tivemos também a presença na CPI da Covid-19 da também médica Mayra, que, entre várias contradições, confessou ser dela o áudio que circulou nas redes sociais da internet criticando a Fiocruz por supostamente fazer apologia à figura do pênis em suas campanhas educativas. Mais uma tempestade de memes circulou no ciberespaço, ironizando ou reforçando a posição conservadora, sexista, da então funcionária do Ministério da Saúde. O tema da sexualidade é sempre trazido aos discursos e falas dos apoiadores do atual governo, afinal, os controles também passam pelo controle dos corpos e das diversas sexualidades praticadas. Tudo o que foge ao puritanismo e à heteronormatividade é sempre trazido de forma conservadora, preconceituosa e distorcida. Sendo assim,

entendo não ser mais possível pesquisar em nosso tempo sem nos darmos conta de temas que transversalizam classe, raça, gênero e sexualidade, ou seja, com interseccionalidade.



Imagem da campanha educativa que contou com um pênis inflável, disparador para diversos desdobramentos contra a Flocruz.

De volta ao post trazido por Luana Araújo no último 13 de maio, ele me chamou atenção por duas significações por mim realizadas. A primeira foi a comemoração do dia 13 de Maio. A segunda a sua identificação como uma mulher não negra e não branca, ou seja, mestiça. O trabalho que realizamos com as narrativas que formam o corpus do nosso material empírico não passa por “análises de conteúdo”. Não me interessa colocar na “boca” dos meus praticantes de pesquisa palavras minhas como pesquisadora. Não me interessa por recorrências de palavras e ou análises fechadas. As narrativas me convidam a pensar e problematizar sobre temas, dialogar com reflexões historicamente situadas, pensar como narrativas em si.

Durante todo o depoimento da Luana Araújo, fiquei virtualizando com seria o seu rosto. Notei que seus olhos eram puxadinhos, “de gatinha”, como falo dos olhos da minha filha Nina Sofia. Notei sua pele não branca diferente da pele branca do seu pai, que a acompanhava também como seu advogado. Seus cabelos chamaram também a minha atenção. O biótipo da competente médica não era o de uma mulher branca. Mas por que pensar e me preocupar com o biótipo da depoente? Biótipo que também é o meu. Diferentemente da Luana, eu não comemoro o dia 13 de Maio. Mas comemorei durante toda minha vida escolar. Só com as discussões que participei durante minha vida acadêmica e na formação ao longo da vida, nas mais variadas redes educativas, é que fui me dando conta de quanto a história oficial é corrupta com a história de nossa ancestralidade. Obviamente, não podemos ignorar a luta

histórica de séculos do povo negro e de aliados e aliadas abolicionistas são foram os reais protagonistas do 13 de maio, como dia da abolição das pessoas escravizadas.

Em consonância com diferentes parceiros e parceiras críticos (pessoas não brancas cuja ancestralidade passa pela diáspora africana e muitas pessoas brancas, aliadas na luta contra o racismo) prefiro celebrar o 20 de Novembro ao 13 de Maio. Sabe-se que a lei Áurea libertou os escravos no dia 13 de maio e os jogou ao seu próprio destino no dia 14 de maio. Este ano me dei conta de uma outra significação sobre o 13 de maio, trazida pelo amigo Cláudio Orlando. Uma fala de Lazzo Matumbi, artista baiano que admiro muito. Vale muito a pena conferir.

No dia 14 de maio, eu saí por aí
Não tinha trabalho, nem casa, nem pra onde ir
Levando a senzala na alma, eu subi a favela
Pensando em um dia descer, mas eu nunca desci
Zanzei zonzo em todas as zonas da grande agonia
Um dia com fome, no outro sem o que comer
Sem nome, sem identidade, sem fotografia
O mundo me olhava, mas ninguém queria me ver

No dia 14 de maio, ninguém me deu bola
Eu tive que ser bom de bola pra sobreviver
Nenhuma lição, não havia lugar na escola
Pensaram que poderiam me fazer perder
Mas minha alma resiste, meu corpo é de luta
Eu sei o que é bom, e o que é bom também deve ser
meu
A coisa mais certa tem que ser a coisa mais justa
Eu sou o que sou, pois agora eu sei quem sou eu

Será que deu pra entender a mensagem?
Se ligue no Ilê Aiyê
Se ligue no Ilê Aiyê
Agora que você me vê

Repare como é belo
Êh, nosso povo lindo
Repare que é o maior prazer
Bom pra mim, bom pra você
Estou de olho aberto
Olha moço, fique esperto
Que eu não sou menino

Será que deu pra entender a mensagem?
Se ligue no Ilê Aiyê
Se ligue no Ilê Aiyê
Agora que você me vê

14 de maio é todo dia na vida da grande maioria do povo negro neste país. Obviamente que com a democratização e graças aos movimentos negros, as políticas públicas e de ações afirmativas, temos tido alguns avançados e conquistas em termos de direitos civis no Brasil e em todo o mundo. Por outro lado, nos causou estranhamento acessar esse post de uma cientista que, no dia anterior, dera um show de argumentação em nome do “conhecimento”.

Também como uma curricularista e curriculeira que sou, sei que o nosso processo formativo, sobretudo na academia, passa por uma discussão fincada, sobremaneira, nas “epistemologias do norte”. A “neutralidade” científica muitas vezes nos coloca na unidade única de “seres humanos”, sem se analisar criticamente como as sociedades foram construídas, com

seres humanos usando outros seres humanos para se estabelecerem no poder, escravizando-os, subjugando-os, invisibilizando-os e praticando diferentes violências. Não é diferente no âmbito das ciências. Fico curiosa em saber se a Luana Araújo sofreu ao longo de sua vida social algum tipo de expressão de racismo. Poderíamos conversar diretamente com a praticante cultural, o que seria muito importante e sei que teríamos belos encontros e aprendizagens mútuas, mas, para este texto, quero continuar conversando com sua narrativa imagética.

Sou uma mulher parda, assim como a Luana (que se reconhece mixed). Sou filha de um homem afro-índio, mecânico, e uma mulher branca, dona de casa. O que nos difere em termos interseccionais? Eu também fui uma criança diferenciada. Aprendi a ler com 4 anos, mas não era filha de uma professora e um médico/advogado. Aqui temos as nossas diferenças de classe. Por ter pele clara, nunca sofri racismo diretamente, mas sofro xenofobia (uma expressão do racismo) até os dias atuais, por ser nordestina, ocupando uma posição importante na carreira acadêmica, pesquisa e docência universitária. Sou muitas vezes tratada como “aquela baiana”, “aquela exibida”, “aquela que fala mais que a negra do leite”, “aquela que fala e escreve daquele jeito”. Enfim, não tive o meu pai me acompanhando nas rotinas escolares, porque ele estava no seu labor. Era acompanhada pela minha mãe branca, que, por sinal, fez essa tarefa lindamente, com toda sua inteligência, mesmo não sendo uma mulher das letras.

Vejo cotidianamente crianças, jovens e adultos buscando nas cestas de lixo seu sustento, três crianças negras desapareceram no Rio de Janeiro e só muito tempo depois suas ousadas foram encontradas, um cliente foi morto na rede Carrefour e dois homens foram mortos num supermercado em Salvador porque furtaram carne. Qual a cor da pele dessas pessoas? Negra. Eram negros, pardos ou mixed, como se identifica a Luana. A narrativa acima não me autoriza a comemorar o 13 de Maio, porque o dia 14 é todo dia, inclusive em tempos de pandemia de covid-19. Quem mais morre de covid no Brasil?

O Brasil é um país mixed de poder branco, macho e cristão. O mixed é fruto inicialmente de violências, de muitos estupros praticados por homens brancos com a conivência de suas mulheres brancas, muitas vítimas do patriarcado. Uma pessoa parda, quando não participa dos privilégios da classe alta, quando é dominada por pessoas predominantemente brancas, nunca será para esses mesmos brancos uma pessoa branca. Como será muito mais “negra”, se não contar com esses mesmos privilégios. Sendo assim, podemos questionar: não será que precisamos, todos nós, inclusive os cientistas muito bem posicionados, debater sobre a necessidade de mobilizarmos letramentos raciais, inclusive nos processos de formação de médicos e de cientistas em geral? Afinal, qual é a cor da pele das pessoas que sofrem mais de violência obstétrica e de outras violências praticadas pela ciência?

Aproveito para partilhar aqui com vocês leitores, algumas fabulosas aulas sobre o tema do “Letramento

Racial Crítico”. Vamos aprender com estes colegas e ampliar nossos repertórios. Só assim, poderemos praticar uma Ciência Outra.

- Letramento racial crítico com o Prof. Dr. Amauri Mendes Pereira. (PPGEDU/UFRRJ).



<https://www.youtube.com/watch?v=kOMDzUkrPHg>

- Letramento racial crítico com o Prof. Dr. Renato Nogueira. (PPGEDU/UFRRJ).



<https://www.youtube.com/watch?v=S8P2JAh-Wes>

- Educação linguística e Formação docente antirracistas com Aparecida de Jesus Ferreira (UEPG), Gabriel Nascimento (UFSB) e Joel Windle (UFF).



https://www.youtube.com/watch?v=_CGVMOptm-M

A luta continua e ela só pode ser política e interseccional e isso não é um mero posicionamento “técnico”.

O ENSINO HÍBRIDO COMO “A BOLA DA VEZ”: VAMOS REDESENHAR NOSSAS SALAS DE AULA NO PÓS-PANDEMIA?



Fonte: imagem criada por Marco Silva com a colaboração de Edméa Santos e Mariano Pimentel @marcoparangle

CAPÍTULO 6

O ENSINO HÍBRIDO COMO “A BOLA DA VEZ”: VAMOS REDESENHAR NOSSAS SALAS DE AULA NO PÓS-PANDEMIA?

Edméa Santos (UFRRJ)

“Ensino remoto” foi a noção de “ordem” do ano de 2020, quando o assunto educar durante a pandemia da covid-19 estava em pauta. A pandemia nos confinou no espaço da casa, para quem pôde e ainda pode viver o distanciamento físico, apartando-nos literalmente dos contextos físicos e dos espaços urbanos em geral. As escolas, as universidades e muitos outros espaços de aprendizagem e redes educativas tiveram de migrar suas atividades presenciais para o ciberespaço. Essa migração tem se materializado em diferentes práticas curriculares, a exemplo do ensino remoto, da educação a distância e da educação online como já relatamos aqui com o artigo “EAD, palavra proibida. Educação Online, pouca gente sabe o que é. Ensino Remoto, o que temos para hoje” (SANTOS, 2020).

Mais recentemente, a demanda é pelo ensino híbrido, uma vez que já começamos a retomar as atividades presenciais. A experiência do trabalho totalmente online veio para ficar; em contrapartida, já sentimos a necessidade de articular espaços, tempos e

pedagogias aproveitando o que há de melhor em cada arranjo e entre todos em conjunto.

O objetivo desse texto é problematizar um pouco sobre alguns arranjos curriculares híbridos na contemporaneidade, apostando em desenhos didáticos para salas de aulas híbridas na cibercultura com ênfase na formação de professores, com a apresentação de alguns desenhos de ensino híbrido praticados atualmente, destacando-se suas características e contradições.

A presença do digital em rede é transversal em nosso tempo nas mais variadas ações humanas. Seres humanos em processos de cocriação em rede na relação cidade/ciberespaço protagonizam a cultura contemporânea, ou seja, a cibercultura. Portanto, para nós a educação online já é em potência uma educação híbrida, uma vez que nos permite bricolar e fazer convergir espaços, tempos e pedagogias. “Convergir” não é replicar e ou mesmo copiar. E “bricolar” não é juntar sem propósito. Convergir e bricolar exigem de nós cocriação inteligente de processos, produtos, arquiteturas e mediações. Incorporar o uso de tecnologias e ou situação online a rotinas presenciais de forma desintegrada não é para nós educação online ou mesmo híbrida. Essa é a nossa posição autoral, uma vez que nosso lugar de fala se encontra nos estudos da cibercultura e da educação (SANTOS, 2005, 2014, 2019, 2020).

Respeitamos e dialogamos com diferentes escolas e perspectivas na grande área da Tecnologia Educacional, que é, inclusive, nossa área na Capes e no CNPq. Nesse

contexto, contamos com uma diversidade de grupos que se organizam nas comunidades científicas, como: Mídia Educação, Informática na Educação, EAD, Tecnologias Educativas, Educomunicação, entre outros. A riqueza da diversidade citada nos permite boas e diferentes articulações teóricas e ou metodológicas. Entretanto, alertamos para uma possível prática eclética que nos coloca em armadilhas epistemológicas. E refutamos práticas ecléticas, optando por práticas multirreferenciais na cibercultura (SANTOS, PORTO, 2019), que nos permite operar na heterogeneidade das práticas e dos processos atentando para uma coerência epistemológica.

Não nos permitimos, por exemplo, combinar os pressupostos skinnerianos com os pressupostos vigotskianos. Para os primeiros, somos organismos que aprendem mecanicamente, enquanto para os segundos somos seres culturais e aprendemos mais e melhor com mediações culturalmente situadas sem separar os seres humanos e os repertórios dos usos que fazem das linguagens e dos instrumentos culturais.

Sendo assim, penso ser muito importante nos situarmos agora no que tange ao ensino híbrido, uma demanda do momento. Na literatura especializada, essa não é uma discussão nova. Muitos são os trabalhos e práticas sobre esses estudos encontrados na literatura também com as nomenclaturas ensino semipresencial e b-learning (SILVA, 2000). Se em 2020 a demanda era pelo “ensino remoto”, agora em 2021 a noção de ordem é o “ensino híbrido”, uma vez que escolas, universidades e outras redes educativas se encontram bastante

pressionadas ao retorno de atividades presenciais. Como não podemos retomar ao presencial a que estávamos habituados no período pré-pandêmico, redes públicas e privadas começam a praticar currículos híbridos.

Com o avanço da vacinação em massa e a necessidade de retorno das atividades formais de ensino, a sala de aula híbrida é de fato uma alternativa. Lamentavelmente, potenciais inovações pedagógicas mediadas por tecnologias só são incorporadas quando o social se encontra em situações-limite, seja por falta de recursos econômicos ou por tragédias como guerras. A pandemia da covid-19 não deixa de ser uma situação de guerra, uma vez que no Brasil contamos com uma enorme crise sanitária, em consonância com uma tragédia política e crise de civilidade sem precedentes em nossa história.

De todo modo, podemos afirmar que a presença das tecnologias em processos de formação, ensino e aprendizagem está em consolidação direta nas práticas, exigindo das pessoas e das instituições políticas de acesso, acessibilidade e formação para uma educação híbrida. São muitas as demandas sobre o ensino híbrido. Sabemos que o “ensino” é apenas uma unidade de processos educacionais mais amplos. E concordamos com Freire (2006), que trata o ensino como ato de educação autêntica e epistemologicamente curioso; logo, não reduzimos o ato de ensinar a processos de transmissão de conteúdos de um polo de comunicação a outro. Para nós, o ensino é então em potência um ato de cocriação entre seres humanos e objetos técnicos. Mas

qual o “estado da arte” dessa discussão no Brasil neste momento de pandemia de covid-19? A esse respeito, Silva (2021) sugere:

Ouçã o podcast Docentes na pandemia 1. Repare que ele reúne as falas de duas professoras pesquisadoras antenadas e eloquentes diante do mal-estar da exclusão digital dos professores forçados a lecionar 100% online na pandemia de covid-19. A professora Nilda Alves é precisa na crítica à condição estressante e dolorosa dos professores e professoras despreparados para o desafio abrupto. Por sua vez, a professora Edméa Santos convida à reflexão urgente sobre a sala de aula híbrida, uma vez que escolas apressadas e inconsequentes rompem com o confinamento absoluto e retornam à sala de aula física, dedicando uma parte da carga horária regular à modalidade online. (SILVA, 2021, online).



<https://open.spotify.com/episode/40WPzpsC0B6VCrbcXUts2P?si=XTd7GsSIQpCmS5brx5y1UQ>

Em nossa pesquisa em rede e nas redes, categorizamos o ensino híbrido discutido e praticado em pelo menos três categorias:

1. Ensino híbrido com tecnologia educacional – Aquele que envolve práticas de ensino híbrido com uso das tecnologias para transmitir conteúdos e atividades do espaço presencial para o espaço online, conectando a escola com a casa dos estudantes via internet. Algumas escolas estão, por exemplo, fazendo a transmissão das aulas que acontecem em sala de aula presencial para a casa dos alunos que não estão na sala. Os alunos que não estão na escola acessam a aula e suas discussões via live. Live é toda transmissão de conteúdos e situações do presencial via audiovisualidades online (SANTOS, 2000). Será que essas aulas, essas lives são inovadoras? Que convergências de espaços / tempos e pedagogias estão sendo materializadas? Além disso, considerando os contextos em que os alunos são excluídos digitais, ou seja, não possuem conexões, como o ensino híbrido vem sendo praticado? Há casos que parte da turma se encontra na escola, enquanto outros alunos estão em suas casas, fazendo exercícios, listas de exercícios e roteiros estruturados em materiais impressos, sem conexão com as redes e muito menos com as escolas.

2. Ensino híbrido com metodologias ativas – Há no Brasil um movimento bastante ativo em grupos de pesquisa acadêmicos, fundações e empresas de educação em torno do ensino híbrido fundamentado nas chamadas “metodologias ativas”. A discussão contempla a convergência de espaços, tempos e práticas mediadas por tecnologias e arquiteturas diferenciadas de salas de aula. A proposta defende o “centrar no aluno”, cabendo aos docentes a arquitetura e produção de roteiros para diferentes circuitos e situações que

podem ser vivenciadas por uma mesma turma trabalhando em diferentes grupos e circuitos personalizados (HORN; STAKER, 2015). Validamos muitas dessas propostas e metodologias, mas criticamos e refutamos aspectos importantes. Para nós, as “metodologias ativas” devem ser “metodologias interativas” (Silva, 2021); em vez de “centrar nos alunos”, devemos fazer emergir mais redes e conexões. O centro são as “redes” na relação professor/aluno/conhecimentos/coisas. Esse “centrar no aluno” esteve muito presente do escolanovismo e nas clássicas discussões de EAD. A escola crítico-construtiva e a cibercultura já questionaram a “centralidade do aluno”, direcionando o foco para a relação professor/aluno/conhecimento. O “digital” nessa proposta muitas vezes é utilizado como repositório de conteúdos e não necessariamente como espaço/tempo de produção de conhecimento em rede.

3. Ensino Híbrido com e na cibercultura – Educação online. Nossa posição histórica é pela educação online que busca cocriar currículos em rede. Currículos que não separem a sala de aula presencial da sala de aula totalmente online, que façam convergência de espaços/tempos/pedagogias, que utilizem o que há de melhor em cada arranjo. Docentes e alunos protagonizando juntos e com os artefatos culturais, curriculares e digitais, se autorizando em rede de forma interativa na criação metodológica, bem como na produção de processos e produtos. Aqui não se defende o “centrar do aluno” e muito menos o “ensino personalizado”, princípios presentes no jargão das

metodologias ativas. Defendemos que o estudante tenha autonomia e que protagonize suas itinerâncias de aprendizagem e formação, seja capaz de gerenciar seus tempos de estudo e adentrar módulos e ou unidades sem controle direto do docente. Mas não defendemos apenas o “autoestudo” centrado no aluno como comumente observado nos roteiros de EAD. Consideramos importante também que se garanta a mediação docente, em espaços e tempos presenciais e online. Muitas vezes as práticas de “ensino híbrido” não valorizam a mediação docente online, garantindo apenas alguma supervisão docente nos espaços físicos e presenciais. Vale ressaltar que, quando defendemos a mediação docente integrada (presencial e online), não estamos falando na mediação centrada do professor. Este deve, sim, fazer mediações, mas não ser o único mediador. Atuamos e defendemos as práticas de mediação todos-todos, em que toda comunidade é, em potência, mediadora. Além disso, não podemos ignorar o poder mediador das linguagens, dos artefatos curriculares e das coisas. Assim, defendemos a mediação em rede, com centros móveis (docentes, estudantes, coisas) e instituição de salas de aula interativas (SILVA, 2021).

Desenvolver a terceira proposta é o nosso projeto de vida e formação há mais de 20 anos. Nossa obra em educação online é bastante ampla e seus rastros podem ser acessados em rede (www.edmeasantos.pro.br). Entretanto, agora o desafio é maior. Temos de materializar mais e melhores práticas híbridas, não só como demanda, mas com a legitimidade de uma comunidade educacional mais ampla, uma vez que a

pandemia de covid-19 nos obriga a trabalhar com mediação tecnológica em rede. Isso faz com que o nosso trabalho seja bem mais valorizado e ressignificado em todos os níveis, incluindo a graduação, a pós-graduação stricto sensu e a formação continuada de professores formadores. A demanda atual nos convida a recuperarmos algumas experiências que vivenciamos no campo da formação de professores na cibercultura.

Vamos então desenhar a nossa própria sala de aula na cibercultura? Venho desenhando essa educação com meu grupo de pesquisa GPDOC/UERJ/UFRRJ – Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura – e estudantes no Instituto de Educação e também junto ao PPGEDUC – Programa de Pós-graduação em educação da UFRRJ, bem antes do constrangimento da pandemia de covid-19. Neste momento, estamos vivenciando a educação online sem o recurso da sala de aula presencial.



Assim que avançarmos com a vacinação em massa e estivermos em segurança, será uma alegria enorme voltar a explorar o nosso campus universitário. Além de contarmos com a presença gritante da natureza de uma floresta de mata atlântica, contamos com equipamentos tecnológicos, científicos, culturais e artísticos potentes. De todo modo, não vejo a hora de habitar a nossa universidade revitalizando-a física e, sobretudo, politicamente, para que possamos também continuar investindo em plataformas digitais públicas, gratuitas e fora da lógica mercadológica das grades empresas que estão plataformizando a educação em todo o mundo, inclusive, lamentavelmente, aqui no Brasil.

Aproveitamos a oportunidade e partilhamos aulas e conversas que estamos tendo com diversos coletivos sobre ensino híbrido. Aproveitemos os conteúdos a seguir como disparadores para novos encontros, debates e reuniões de planejamento para redesenharmos nossas salas de aula. Bora, Bora!

LIVES DE 2021 – Ensino Híbrido

1 – 23/02/2021 – Ensino híbrido: fundamentos e dispositivos formacionais. Congresso virtual UFBA.



<https://www.youtube.com/watch?v=D6cToTIUZ8w&t=1s>

2 – 30/03/2021 – Educação, didática e tecnologia.
Webinário Andipe 2021.1.



<https://www.youtube.com/watch?v=dOiaeyZThoo&t=1090s>

3 – 20/04/2021 – Desafios do ensino remoto na pós-graduação. Seminário de Ensino 2021 da ENSP, Fiocruz.



<https://www.youtube.com/watch?v=vcy2fT0n9cw&t=1s>

4 – 28/04/2021 – Gestão híbrida: ampliação de olhares sobre o ensino aprendizagem. Ciclo de Webinários Educação para Juventudes. Instituto Unibanco.



<https://www.youtube.com/watch?v=dkewBziDppo&t=2581s>

5 – 06/05/2021 – Ensino híbrido e modalidades semipresenciais- características, exigências e possibilidades abertas. 2º Ciclo de debates/ Ensino híbrido: necessidades e desafios. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Graduação.



<https://www.youtube.com/watch?v=NMIIUO8Fevo&t=9s>

6 – 07/05/2021 – Um novo espaço para a Educação formal- Palestra com os professores Marco Silva e Edméa Santos



<https://www.youtube.com/watch?v=AHPoXeCL4GU&t=3>

7 – 26/05/2021 – Ensino híbrido na cibercultura: notas para a formação de professores – Palestra no VII SENID na UPF.



<https://www.youtube.com/watch?v=tds709ZkNHY&t=2s>

Referências

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HORN, Michel B.; STAKER, Heather. **Blended**: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação. Porto Alegre: Penso, 2015.
- SANTOS, Edméa. **EAD, palavra proibida**. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos. Notícias, Revista Docência e Cibercultura, agosto de 2020, online. ISSN: 2594-9004.
- SANTOS, Edméa. **#livesdemaio... Educações em tempos de pandemia**. Notícias, Revista Docência e Cibercultura, junho de 2020, online. ISSN: 2594-9004.
- SANTOS, Edméa. **Educação online**: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente. 2005. 351 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2005.
- SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Santo Tirso, Portugal: Whitebooks, 2015. 204 p. Acesso em: junho. 2020.
- SANTOS, Edméa. **pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019. Acesso gratuito na aba "Livros"
- SANTOS, Edméa; PORTO, Cristiane (org.) **APP-Education**: fundamentos, contextos e práticas educativas luso-brasileiras na cibercultura. Salvador, BA: EDUFBA, 2019.

SILVA, Bento. **O contributo das TIC e da Internet para a flexibilidade curricular**: a convergência da educação presencial e a distância. In: PACHECO, José A.; MORGADO, José C.; VIANA, Isabel (org.). Actas do IV Colóquio sobre questões curriculares. Braga: Universidade do Minho, 2000, p. 277-298.

SILVA, Marco. **Interatividade na educação híbrida**. In: PIMENTEL, Mariano; SANTOS, Edméa; SAMPAIO, Fábio F. (org.). Informática na educação: interatividade, metodologias e redes. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. (Série Informática na Educação, v.3).

**EU, A BELEZA E A MÁRCIA TIBURI. E POR
QUÊ NÃO FALAR EM SAPATOS?**



@nwnzart

CAPÍTULO 7

EU, A BELEZA E A MÁRCIA TIBURI. E POR QUÊ NÃO FALAR EM SAPATOS?

Edméa Santos (UFRRJ)

A beleza sempre me acompanhou. Cresci ouvindo dos meus pais que eu era linda. Minha mãe sempre dizia que me tornei a criança mais linda do mundo. Nasci bem feia. Dizia dona Marlene, diga-se de passagem, uma linda mulher: “Esta menina nasceu muito feia. Comprida, pelancuda, careca e sem sobrancelhas. Quando a peguei no meu colo pela primeira vez, cheguei achar que ela não era a minha filha. Mas tudo foi mudando em pouco tempo...”

Meu pai não se cansa de dizer “*como hoje você tá linda!*” ou “*você tem o rosto mais lindo que eu já vi, minha filha*”. Cresci acreditando nisso. Minha beleza nunca sentiu inveja da minha inteligência. Cresci sendo a bonita e a inteligente. Até que um dia tudo mudou. “Espelho meu, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?” “Sim!”, respondeu o espelho. “Flavinha é muito mais linda que você.” Não é que o espelho tinha razão. Minha irmã Flávia é realmente muito linda. Concordo plenamente e não tenho inveja, muito pelo contrário, tenho orgulho de ter a irmã mais linda do mundo. Durante boa parte da minha juventude, ela era a mais linda e eu a mais inteligente. Todos na família se

referiam a mim como a desbravadora, a inteligente, a engraçada e bem-sucedida no trabalho e na carreira.

Durante algum tempo eu era a “solteira” e logo, logo me tornei a titia. Mesmo sendo a inteligência e a protagonista, nunca me senti a feia e também não tinha problema com a beleza da minha irmã, que também é uma mulher muito inteligente. Acho que isso tem a ver com a minha primeira infância. Que diferença faz uma infância feliz na vida de uma pessoa!...

Sempre gostei de moda, de me vestir bem e de “inventar moda”. Durante toda minha vida acadêmica, nunca tive problema em ser linda, inteligente e jovem. Mas essas três características combinadas sempre foram um problema para alguns de meus pares femininos e até feministas. Lembro bem, no começo da minha vida acadêmica, lá pelos idos dos anos 90 do século passado, quando uma colega de grupo de pesquisa na Faced/UFBA, feminista, lésbica, pegou minha mão e elogiou minhas unhas carmim, dizendo: “Que unhas lindas, Méa! As minhas são do trabalho!”, batendo em seu peito com as suas mãos em punho fechado. A colega tinha muito orgulho de suas mãos de trabalhadora intelectual.

Prontamente, respondi: “As minhas também são unhas e mãos de trabalho. Acabei de publicar mais um artigo científico. Quer ler?” Ela se calou e mudou de assunto, um pouco constrangida. Suas unhas eram roídas, quase sempre em carne viva. No mesmo grupo de pesquisa, tinha outra colega muito linda, que herdara um sobrenome muito importante na comunidade. Ela sempre optava pelo básico de jeans, camisa branca e

tênis. Vivia escondendo seu corpo lindo, como se isso resolvesse a sua culpa por ser linda. Nem que ela tentasse conseguia ser feia. E aqui pra nós... kkk... ela bem sabia usar seu capital sexual, que fazia coautoria com sua inteligência.

Mais de 20 anos depois, atuando num programa de excelência em pós-graduação, ainda me deparo com situações parecidas. Ser jovem, bonita e interessada por moda ainda é um problema. Apesar de contar, cada vez mais, com um time de colegas também muito interessantes e diferentemente lindas. Mulheres de 30 a 70 e poucos...

Mais precisamente, nos últimos 10 anos, a explosão feminista, começa a emergir com toda potência e plasticidade das mídias digitais, bem como em alguns canais da mídia massiva, a exemplo dos canais de TV endereçados ao público feminino. Lembro bem das primeiras versões do programa *Saia justa*, do canal GNT. Mônica Waldvogel, Rita Lee, Fernanda Young, Marisa Orth. Mulheres lindas, diferentes e arrojadas, falavam de temas e dilemas do nosso tempo com muita naturalidade e bom humor. Mas quando o tema era beleza, muitas vezes os diálogos ganhavam ruídos. Na substituição da Fernanda Young pela Márcia Tiburi então, o tema vinha com muito desconforto para a filósofa, que se revelava naquele momento para um grande público.

Sempre gostei muito da Márcia Tiburi. Atualmente, então, me identifico demais com seu protagonismo e militância. Sua verve inteligente sempre me encantou. Na época do GNT, sentia que a Márcia não era muito

confortável com sua imagem. Ela tinha um cabelo bem mal resolvido no corte, sentia que ela não ficava à vontade com seus figurinos. Por sinal, lembro bem de seus sapatos na época. Muito feios, Socorro!!! Cheguei até a recordar de duas cenas cinematográficas inesquecíveis para mim.

A primeira é quando Hannibal, criminoso canibal, personagem de Anthony Hopkins em *O silêncio dos inocentes*, descreve sem enxergar os sapatos da psicóloga criminalista, personagem da Jodie Foster. Era muito jovem quando me deparei com essa cena. Eu achei inacreditável e nunca mais me permiti usar um sapato feio. Sou completamente amante de sapatos. Outra cena, um pouco menos eloquente, mas não menos densa, aparece no filme *O diabo veste Prada*, quando a personagem da Meryl Streep chama a atenção de sua estagiária sobre seus sapatos.

Vocês já devem ter percebido meu fascínio por sapatos. Amo-os! Eles são bem desejados por minhas amigas e sobretudo pelos meus amigos e alunos *gays*, estes últimos, diga-se de passagem, sabem das coisas e são muitos sensíveis esteticamente. As cenas cinematográficas que recordo aqui apresentam narrativas bem burguesas sobre sapatos. Narrativas que revelam uma estética preconceituosa, inclusive. Dando descontos para esses discursos ideológicos, não podemos deixar de considerar que, em linhas gerais, muitas mulheres usam sapatos simplesmente para proteger seus pés. Custa cuidar um pouco desses itens do vestuário?

Voltemos à nossa querida Márcia Tiburi. Sempre inteligente, articulada e também bonita (no fundo, no fundo, Márcia sabe que é bonita), ela não perdia a oportunidade de sempre refutar o tema da “beleza” em suas falas. A beleza sempre era um problema. “Os corpos femininos são sempre vistos pelo patriarcado como um objeto de consumo”, dizia ela. Concordo plenamente e digo mais: “E quando a carne mais barata do mercado é a carne negra?” Mas vamos por partes, apesar de não ignorar a interseccionalidade, de considerar tudo isso e saber que não podemos pestanejar com o patriarcado, essa fala me incomodava e eu explico por quê.

Eu, sinceramente, sempre achei que beleza é capital. Mesmo sem estudar e conviver muito com feministas mais arrojadas naquela época. Márcia Tiburi me foi apresentada pelo programa *Saia justa*. Penso que seja, por conta da minha própria relação com a beleza desde sempre, que esta nunca me incomodava... Em alguns momentos, a beleza já fez sua boa diferença em minha vida e na minha carreira. Apesar de também me atrapalhar um bocadinho...

Os sapatos... Ah como eu os amo! Custa atentar um pouco para a beleza e diferença que fazem alguns sapatos? O que eram os sapatos da Márcia Tiburi? Sendo assim, fico com os sapatos da Carrie Bradshaw, personagem da Sarah Jessica Parker, na série de TV *Sex and the City*. Sinto-me totalmente perdoada: a Carrie é feminista! Ah! Ela e suas amigas sabiam bem que beleza é capital! Capital sexual! Instrumento feminista que dá

na cara do patriarcado. Dá na cara e com belos saltos altos... Alguns vermelhos, da cor do pecado.

**VISUAL STORYTELLING NO
INSTAGRAM: PARA CINECLUBES E
CLUBES DE LEITURA DE, COM E PARA
MULHERES**



@angeltexarte

CAPÍTULO 8

VISUAL STORYTELLING NO INSTAGRAM: PARA CINECLUBES E CLUBES DE LEITURA DE, COM E PARA MULHERES

Edméa Santos (UFRRJ)

Quem conhece nossa obra sabe bem que cibercultura é para nós sempre um conjunto de práticas, experiências e invenções na relação cidade-ciberespaço. Sou daquelas que habitam as cidades e com elas aprendo, educo e me reinvento. Sou diarista, sempre deixo rastros desse caminhar ubíquo com narrativas imagéticas, textuais e sonoras e por que não dizer hipermidiáticas? Sou de ir ao cinema, sou rata de livraria. Leio com e no meu dispositivo online, mas não abro mão de um bom impresso. Amo livros, me apaixono pelas edições, amo seus cheiros. Capas, textos de orelhas e quartas-capas me capturam. Assim como me relaciono com os livros sejam eles eletrônicos ou impressos, me relaciono super bem com o clássico cinema e os filmes nas plataformas. Amo a sala de cinema e seu combo básico: ir ao cinema, frequentar livraria antes ou depois dos filmes, bares e ou restaurantes com amigos, alunos e família para

conversar sobre os filmes. Muitas vezes converso comigo mesma, amo viajar e sair sozinha.

A pandemia da covid-19 nos apartou da cidade, confinando-nos ao espaço doméstico. O office na casa foi se aperfeiçoando e nossa relação com os livros e filmes foi ganhando uma diferente dimensão no ciberespaço e nada ou quase nada de cidade. Os livros impressos não pararam de chegar pelos correios, graças ao e-commerce. Meu dispositivo Kindle teve sua biblioteca bastante ampliada, seja por novas aquisições nas plataformas, seja por presentes que chegavam em forma de “recebidos”. Palavras novas emergiram em abundância, e eu confesso que “recebidos” é uma das minhas preferidas, até porque a materialidade dessas palavras chegaram e chegam cheias de afetos, amores e amizades a minha casa. Recebidas com cheiros, texturas, materialidades plurais. Até as dissertações e teses que chegam para minha avaliação me encantam demais. Sempre chegam com algum mimo junto.

Leio e vejo filmes de vários gêneros e temas diversos. Meus preferidos passam por temas ligados a tecnologias, principalmente as digitais em rede, artes em geral e eu amo as artes visuais; alguma coisa de gastronomia também é bem-vinda. Curti demais os amigos nas redes aprendendo a cozinhar. Chefs novos emergiram. Cheguei a partilhar minhas receitas de axé com a legenda “Dendê é vida!”. De todo modo, o tema que realmente e com mais intensidade me tomou foi o “feminismo”. Li mulheres e aliados, vi muitos filmes de e sobre mulheres nos mais diferentes contextos: políticos, educacionais, ativistas, artísticos. Construí

bibliotecas online e um acervo de filmes nas mais diversas plataformas. Comecei a turbinar minha playlist básica e fui assinando mais plataformas nacionais e internacionais. Textos, audiovisuais e narrativas sonoras me ajudaram muito a resistir com alegria e criatividade ampliando sobremaneira meus repertórios. Tudo isso provocou diferentes ressonâncias em minhas interações formais (em minhas salas de aula) informais (nas mais variadas redes educativas que habito) e não formais, uma vez que aprender assim é a prática mais efetiva da educação aberta.

Sou uma pessoa de rede. Minha existência é movida pela partilha. Partilho nas minhas redes sociais algumas impressões que tive, e tem disso tudo no formato de *visual storytelling*, um gênero da cibercultura. Com Maddalena (2018), desenvolvemos alguns gêneros de *digital storytelling* na formação de professores e, de lá pra cá, nunca mais deixamos de narrar com imagens e textos disparados por essas imagens. Minha plataforma preferida para essa prática é o Instagram (@mea.santos). Costumamos fotografar capas dos livros que lemos e ou fazemos *prints* de tela de partes do livro, bem como dos cartazes e cenas dos filmes que vemos. Como essas imagens, textos variados emergiram também em diferentes gêneros: resenhas, resumos, comentários, críticas. Esses *visual storytellings* são partilhados na plataforma Instagram e copiados para Facebook. Gosto dessa dobradinha, apesar de reconhecer a falência da conversa no Facebook. Com essas postagens, debates emergiram também nos mais variados formatos e gêneros: conversas, agradecimentos, discussões.

Algumas vezes tudo isso foi levado para dentro de nossas salas de aula online integrando redes formais, informais e não formais nos projetos de ensino, pesquisa e extensão que desenvolvo na Universidade Rural (UFRRJ).

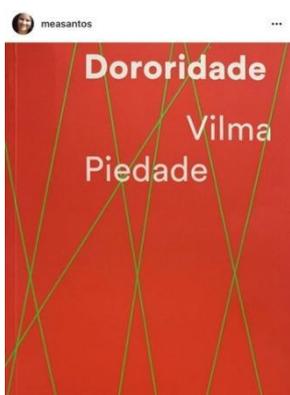
Há mais de 15 anos, desenvolvemos junto ao GPDOC o dispositivo Cineclubes. Assistimos a filmes juntos para ampliar nossos repertórios de ciberpesquisa-formação. Esse dispositivo já se desdobrou em atividades de ensino, pesquisa e extensão. Muitos encontros presenciais com debates online em diferentes plataformas: ambientes virtuais, blogues e redes sociais (SANTOS, 2014; SANTOS, 2019). Durante a pandemia da covid-19, nossos cineclubes foram totalmente online. Habitamos as plataformas em nossas *smartTVs* e também em nossos *smartphones*, dialogando em nossas redes sociais. Enfim, nos reinventamos. Desenvolvemos diferentes saberes e competências e assim vamos resistindo em rede e com autoria. Salvando nossas vidas e dos nossos pares. Vamos conversar? A seguir compartilho alguns visual storytellings dos nossos cineclubes e leituraclubes.

O objetivo deste texto é mais partilha. Partilhar o dispositivo para aperfeiçoá-lo em mais conversas. Quero receber convites dos leitores para interagir com suas descobertas também. Quero ampliar os diálogos também no meu perfil, ampliando nossas redes e conexões e com elas nossas ambiências formacionais e de aprendizagens.

Para clube de leitura só uma degustação!

**Tem muito mais no Insta de @measantos .
Garimpe e converse comigo por lá...**

“Dororidade”, de Vilma Piedade



... Comecei a ler esse livro, quase certa do que iria encontrar. Sabia que teria mais contextualizações sobre o que imaginava ser essa tal noção de “dororidade”. Precisava de mais repertório para compreender alguns sentimentos e obter ajuda para entender alguns comportamentos... Como a dor traumatiza e até paralisa gentes tão incríveis... Mas que, em muitos casos, dispararia irmandades também pela partilha dessas dores. Nunca confundi “sororidade” com “dororidade”. Sobre isso, também estava certa. Mas não pensem que essas “certezas” deixaram minha leitura morna, muito pelo contrário. Foram muitas as aprendizagens. A noção é cunhada pela autora, com argumentação complexa e multirreferencial. O leitor tem uma aula de como “conceitos” são forjados historicamente. Narrativas históricas, filosóficas, memórias cotidianas, dados de

pesquisas empíricas / estatísticas, diálogos com outras feministas e filósofos são tecidos num texto fluente e não menos denso. Ao mesmo tempo cheio de muitas aberturas e temas pouco aprofundados. Mesmo assim, esses possíveis *gaps* são muito bem-vindos! Eles nos provocam pausas de pensamentos, nos convidam a outras conexões... Adorei e já faz parte do nosso repertório 2020-1!

Link para conversarmos sobre e com a obra:



https://www.instagram.com/p/B90qbGcp0O1/?utm_medium=copy_link

**“App-learning: experiências de pesquisa e formação”,
organizado por Edvaldo Couto, Cristiane Porto e
Edméa Santos**



Não há dúvidas de que o caminho, ou pelo menos um deles, para a educação online passa pelo celular. Isso mesmo, num país com altos índices de exclusão cibercultural, que é mais que exclusão digital, temos de contar com as tecnologias acessíveis a todos, todas e todes. Aquelas que estão na palma de nossas mãos. Sendo assim, no contexto do GPDOC (Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura), estamos desenvolvendo há mais de 10 anos conceitos e práticas de *app-learning*. Partilho com vocês um livro que organizei com Edvaldo Couto (UFBA) e Cristiane Porto (UNIT). Ele é fruto de pesquisas e práticas interinstitucionais; um trabalho coletivo, que está disponível gratuitamente nas redes. Aqui reunimos contribuições de colegas engajados com a proposta. Temos textos orgânicos, fruto de boas práticas! Aproveitemos e criemos novos engajamentos. Acesse gratuitamente no repositório da EdUFBA, editora universitária que pioneiramente abre seus conteúdos!



<http://www.edufba.ufba.br/2016/12/app-learning-experiencias-de-pesquisa-e-formacao/>

Link para conversarmos sobre e com a obra: https://www.instagram.com/p/B-IIIoYJAaH/?utm_medium=copy_link



“Quarto de despejo”, de Maria Carolina de Jesus

Há tempos queria ler esse livro... Ano passado (2019) vida e obra de Carolina Maria de Jesus circularam em diversos suportes e linguagens. Muitas matérias, entrevistas, reportagens sobre a autora circularam. Comprei o livro, dei de presente 🎁 e não li. Depois ganhei de presente da minha amiga @tatianaspaz e aí

não teve jeito, ele voltou para a longa fila de leitura e a furo. Acho que não poderia ter escolhido melhor contexto para lê-lo. Momento difícil, tendo que administrar nova rotina pessoal e também profissional. Não me sinto confinada ainda, até porque já faço *home office* há séculos. Obviamente que sinto uma absurda falta da rua, do meu cinema, dos meus amigos. Não posso nem planejar minhas férias, viajando por aí... Agora as demandas são outras e não são poucas... *Quarto de despejo* é um diário. Adoro diários. Faço diários, oriento práticas de diários de pesquisa, penso formatos e linguagens com meu grupo de pesquisa. Quem faz pesquisa-formação na cibercultura tem seu diário online. Mas esse diário aqui é singular. A autora escreve a FOME. Isso mesmo, a fome de comida básica. Mas também a sua fome por conhecer... Esta última a alimentava e a livrou da loucura. Ela escrevia e a escrita costuma curar. Escreve sobre as ressonâncias da escravidão num Brasil em processo de industrialização e modernidade. Um país que nem pensava em políticas de ações afirmativas (um parêntese aqui – afinal este Brasil de bem só praticou ações afirmativas nos últimos 20 anos para ampliar a capilaridade). Um Brasil que ignorava a vida nas favelas. Nada muito diferente dos dias atuais. A diferença é que a favela se empoderou e hoje agrega muita vida produtiva, apesar de tudo. Acabei com esta leitura hoje, antes que ela acabasse comigo. Chorei muito, fiquei com muita vergonha de nós, brasileiros. Mas aprendi tanto com essa mulher maravilhosa. Que aula. Ela fabula, faz crítica social, opera conceitualmente, pensa sobre si e em contexto. Confesso, que fiquei

perturbada com gaps linguísticos e erros ortográficos. Mas também me senti confortável. Afinal, o que são erros ortográficos diante da potência de uma autoria? Carolina fala sobre empoderamento de uma mãe solo, do machismo, da falta de sororidade, de autoria...

Link para conversarmos sobre e com a obra: https://www.instagram.com/p/B-N-ey3poFZ/?utm_medium=copy_link



“Jacob(Y), ‘entre os sexos’ e cardiopatias”, de Thais Emilia de Campos dos Santos



O que foi esta *live*, @sarawagneryork? Quando as histórias de vida e formação potencializam nossos processos formativos. Partilhar essas histórias – documentadas em formatos, gêneros e suportes científicos e ou literários diversos – amplia sobremaneira nossos repertórios, causando

mudanças concretas em nossas formas de atuação no mundo. O meu mundo passa pela docência, sempre. Histórias de vidas são vividas e pensadas cientificamente, deixando rastros de saberes e conhecimentos. Esses rastros são disparadores e mais atos de currículo e dispositivos. Eu, que milito e pratico com @gpdoc.ufrrj a pesquisa-formação na cibercultura, sei bem como tudo isso é potente. Saberes e conhecimentos que quebram paradigmas e que ampliam repertórios, promovendo mais justiças! Justiça cognitiva, inclusive. Este semestre, que só teve apenas uma aula presencial por conta da covid-19, começou pra mim e para meus alunos do doutorado no PPGEDUC/UFRRJ com um questionamento sobre “as histórias únicas” e sobre os “nossos lugares de fala” no contexto das nossas investigações acadêmicas. Não podemos pesquisar mais do mesmo. Esta *live* de hoje me tocou ainda mais, no sentido de continuar investindo em práticas outras... Pesquisemos nossas singularidades, pesquisemos na e com as diferenças. Hoje aprendi mais sobre a vida. Aprendi com a feminista e doutoranda Thais Emilia, aprendi com seu advogado, João Mineiro. Aprendi com a ambiência formativa criada, gerida e mediada por @sarawagneryork. Obrigada 🙏! O legado das *lives* já deixa marcas de aprendizagens no contexto pandemia da covid-19. Tudo passará e nós sairemos disso tudo mais sensíveis. Por mais sensibilidade na vida e da formação. Estamos juntas!

Link para conversarmos sobre e com a obra: https://www.instagram.com/p/B_itgSRJ1_o/?utm_medium=copy_link



“O caminhar na educação”, de Edméa Santos e Leonardo Rangel



Vem caminhar comigo e com o Leonardo Rangel! Dedicada mesmo... Acessem nosso mais recente livro gratuitamente. Isto mesmo: conteúdo disponível. Mais um presente nosso para você, neste momento tão difícil de nossas vidas. Esse livro é uma pequena aglomeração de pessoas que se encontram sempre que podem. Eu e Leonardo Rangel criamos tudo isso juntos no primeiro mês da quarentena, cada um no seu quadrado. Mas não estamos sozinhos nessa... Convidados Mariano Pimentel, que nos presenteou com a arte da capa. @marialuciasantaella nos brindou com o Prefácio (escrito por ela no Dia das Mães,

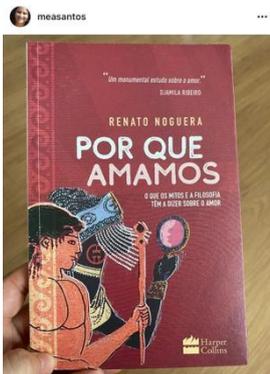
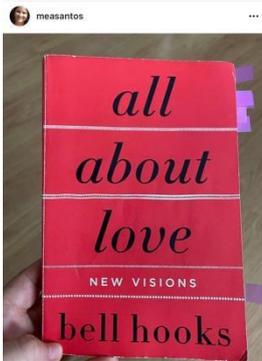
não é lindo?); Dante Galeffi assina a quarta-capa que é só poesia... Aproveite este final de semana e comece a caminhar conosco. Não temos as nossas cidades e seus territórios físicos para já. Nossa relação cidade ciberespaço ficou bastante comprometida com a pandemia da covid-19. Tudo isso passará e retomaremos, de outras formas, nossas itinerâncias na interface cidade ciberespaço. Enquanto isso, fiquemos com nossas memórias de caminhadas ubíquas e ecológicas. Aqui temos alguns de nossos rastros... Baixe aqui: <https://www.atenaeditora.com.br/post-ebook/3350>



Link para conversarmos sobre e com a obra: https://www.instagram.com/p/CDVr4tRjH3Y/?utm_medium=copy_link



“All about love”, de bell hooks, e “Por que amamos” de Renato Noguera



Sentir amor 😊! Viver amores! Questionar o amor, entendê-lo em contextos culturais diferentes é tão importante. Faz tanta diferença quando ampliamos nossos repertórios. Em tempos tão horrendos é realmente importante buscar o amor nas suas mais variadas dimensões. Compartilho aqui dois livros que amei ler sobre o tema. O primeiro, que já conta no Brasil com uma versão em português (*Tudo sobre o amor*, Editora Elefante, 2021), foi escrito por bell hooks. Ela escreve como eu amo e gosto de fazer também. Não separa sua vida cotidiana da relação cidade, aprendizagens, vida e formação acadêmica.

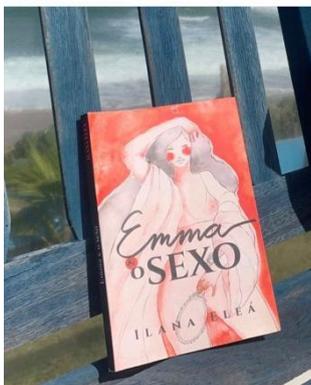
Bricola gêneros textuais e narra lindamente. O segundo é do querido @noguera_oficial, que tenho adorado conhecer. Sua obra mais literária é tão filosófica kkkk. A partir de contos plurais ele nos convida a refletir sobre diversos temas relacionados ao 😊. Adorei super! Recomendo super! Por mais amor, amores e amantes. Por mais amor neste mundo! Mais amor, mais vida e alegria. Jeitos de viver bem e melhor com o planeta 🌍.

Link para conversarmos sobre e com a obra: https://www.instagram.com/p/CNcxWW9J_3x/?utm_medium=copy_link



“Emma e o sexo”, de Ilana Eleá

measantos
Bahia



...

@ilanaelea, meus

parabéns por essa autoria! 🍷
Que capa incrível da @evauviedo. Linda! Terminei a leitura num dos meus cantinhos preferidos e por que não dizer dos mais eróticos? Comecei a ler com muitas expectativas, principalmente por causa do gênero erótico mesmo. Já conhecia alguns de

seus textos científicos, poéticos, narrativas cotidianas, diários. No começo fiquei um pouco “frustrada”, pois achei que demorou um pouco para a leitura engrenar no que de fato eu queria. Saber que a personagem era uma pesquisadora e todo aquele papo de processos de pesquisa não me agradou muito no começo. Fiquei

pensando cá com meus botões: “Cadê o erótico?” De todo modo, não desisti, e foi a melhor coisa que fiz. Avancei na leitura e encontrei uma narrativa correta, bem escrita, cheia de descrições incríveis e achei “o erótico” muitas vezes. Emma, Juliana e Nicolas me foram boas companhias... Como a mensagem é sempre escrita também pelos receptores, leitores sobretudo, acho importante partilhar também um achado. Esse livro é uma bela literaturização da ciência. Pesquisa é sempre uma “aventura pensada”. Reflexões maravilhosas sobre patriarcado, comportamento feminino contemporâneo, narrativa etnográfica, reflexões sobre ética na pesquisa, errâncias, opacidade, rigor outro... E os textos etnográficos? Que belos textos etnográficos há neste livro de literatura. Alguns capítulos são pérolas de etnografia... Que mania de querer levar tudo pra sala de aula, né, @measantos? Levo mesmo! Nosso papel é, sim, criar ambiências para ampliarmos nossos repertórios com múltiplas linguagens. Levarei trechos inteiros já selecionados kkk. Emma é tão de verdade @ilanaelea. Sabe por que, amada? Ela tem culpa. Ela confunde várias vezes sexo com amor, tem dilemas desnecessários para quem se diz estudiosa das sexualidades e empoderamentos. Seus dilemas são carolas, mas ela se joga... Ela “mergulha com todos os sentidos” kkkk... Seja na Suécia, seja no Rio de Janeiro, o patriarcado nos atravessa... Cenários, gentes, cheiros, cores, texturas estão em palavras... Adorei! Parabéns! 🍷 Quando vou conhecer a psicanalista da Urca? #escritademulher #narrativaspanêmicas #emmaeosexo

Link para conversarmos sobre e com a obra: https://www.instagram.com/p/CTdk5XZrvEP/?utm_medium=copy_link



“Cartas para minha avó”, de Djamilia Ribeiro

As melhores histórias são as de verdade ! Homens , mulheres e suas agências . Estou completamente impactada com este livro da @djamilaribeiro1 . Ele completa meu final de semana de tantas emoções. Li praticamente todo na virada de sexta para sábado. Acabei de terminar leitura. Que coisa linda, me emocionei várias vezes , chorei literalmente. As cartas são narrativas de vida e formação, onde a autora fala de ancestralidade e histórias suas e dos seus. Interseccionalidade não falta. Vi tantas de nós e tantas de mim neste livro. Gosto muito da escrita da autora , que ousa em gêneros diversos. Do mais científico , a exemplo de “Lugar de fala”, ao mais didático como “Manual antirracista “, ao mais jornalístico “Quem tem medo do feminismo negro?”, “cartas para minha avó” é um diário. Amo a escrita de si em rede. Redes não faltam

measantos



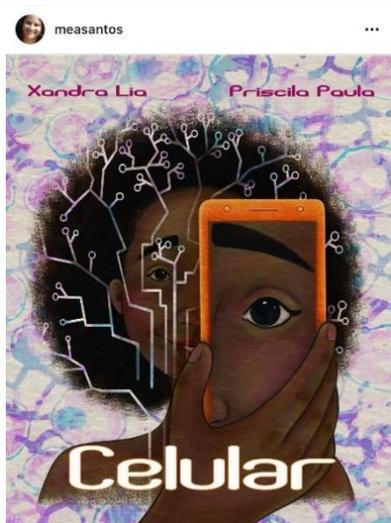
... nesta narrativa . Com os livros da Djamilia acontece algo incrível , eu passo rapidamente para outra pessoa . Não fico com seus livros pra mim, sinto logo vontade de partilhar, mesmo que compre outro depois . Este aqui já vai amanhã mesmo para @flavia_mendes . Sera um disparador para conversarmos sobre e com nossa família.

Recomendo muitíssimo , emocionante !!! Parabéns 🍷🎈🍷 @djamilaribeiro1 ! Já a espera de “Cartas para minha avó 2”. @stelaguedescaputo conta aí a sua experiência com este livro ... A escrita liberta ! A fala cura !

Link para conversarmos sobre e com a obra: https://www.instagram.com/p/CUBhUs2FJch/?utm_medium=copy_link



“Celular” de Xandra Lia e Priscila Paula



Este é um livro para crianças de todas as idades. @alelimas10 e @priihpaula criaram esta beleza numa sintonia incrível de texto com imagens. Ilustração para mim , quando é conceitual e autoral indo além do texto escrito , não é adereço de texto. Ilustrações são conteúdo que junto com texto formam a obra. Este é o

caso . A capa é superlativa e toda narrativa visual também. O texto de Ale é de uma beleza brincante . Ela brinca com usos e gêneros da cibercultura. Estes gêneros não são necessariamente os que são produzidos pelas crianças em tempos de pandemia , mas a sua comunicação é bastante oportuno para as crianças . Como disse antes , para crianças de todas as idades. Vou com certeza usá-lo como disparador de minhas aulas. Já entrarei no quarto semestre totalmente remoto e grande parte dos alunos só contam com um celular . Muitos compartilham com outros familiares o mesmo dispositivo. O Brasil BR é excluído digital e cibercultural e nosso trabalho tenta minimizar isso. Aqui vai uma dica : compre logo o seu e instale em seu Kindle. Mesmo tendo o dispositivo físico , baixe o app no celular ou

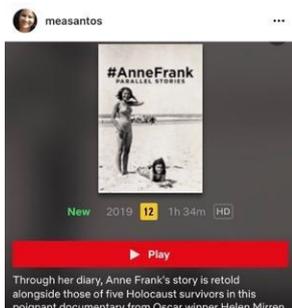
tablet . Assim, vc não perde a beleza das cores !
Celulares, lembranças, zap zap zoom, lives, selfie,
mundo 😊! Parabéns meninas ! Vcs formam uma
bela dupla.

Link para conversarmos sobre e com a obra: [https://
www.instagram.com/p/CT5WbthJen6/?utm_me
dium=copy_link](https://www.instagram.com/p/CT5WbthJen6/?utm_medium=copy_link)



Para Cineclube, só uma degustação!: “Anne Frank: Parallel Stories”, documentário de Ana Migotto e Sabina Fedeli. Tem muito mais no Insta de @mea.santos. Garimpe e converse comigo por lá...

Anne Frank



Amo o texto do diário que li quando jovem. Estou sempre me reencontrando com esse texto, inclusive com linguagens e transmídias diversas. não só para trazer o “gênero dos diários” para minhas aulas, mas também para falar de autoria e

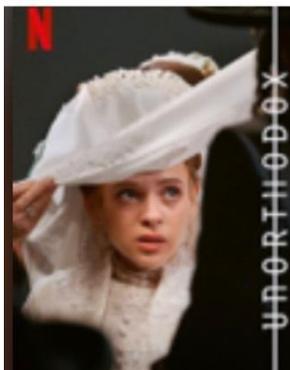
autorização. Escrever é sempre uma dificuldade revelada por anos e anos de desautorização vividas por nossos alunos e até por colegas docentes. Muitos ainda são vítimas de currículos desautorizantes. Na difícil tarefa de orientar dissertações e teses, desbloquear a escrita é para mim umas das atividades mais instigantes. O dispositivo dos diários de pesquisa me ajuda a mediar e desbloquear essas autorias. O diário da Anne Frank é atemporal. Muita gente leu, eu li e muitos outros lerão. Minha Nina já leu... Sempre me interessa por essa história, que é sempre triste e não pode ser esquecida. O atual filme, já disponível na Netflix, tem seu roteiro costurado pela leitura do diário (por sinal lido por uma atriz que adoro) e uma personagem ficcional contemporânea que transita pelos lugares que a menina Anne viveu e passou. As histórias paralelas são de famílias e pessoas de várias gerações que recuperam narrativas de seus antepassados que de certa forma são contemporâneas de Anne. Historiadores entram na conversa também, com muitas narrativas, imagens da época. Sempre bom recontar essa história. Ainda mais em tempos tão duros como estes. Não era muito o que estava querendo assistir neste final de semana, mas valeu! Fica a dica!

Link para conversarmos sobre e com a obra: https://www.instagram.com/p/CCPIOHRJpVN/?utm_medium=copy_link



“Nada ortodoxa”, série em quatro capítulos, dirigida por Maria Schrader

 measantos



... Muitas vezes, nós, da educação, usamos a palavra “tradicional” para falarmos de práticas caducas, instrucionistas, pouco ou quase nada interativas. Práticas que não apostam na liberdade, que não permitem a coautoria dos estudantes e muito menos a invenção pedagógica por parte dos

professores. Mas, atenção, tradicional vem de tradição e as tradições garantem o movimento das culturas ao longo da história. As tradições garantem as singularidades e as diferenças de uma comunidade, de um povo. São as tradições que garantem a “diferença”

que nos constituem como humanidade. Um currículo forjado na diferença é o que galgamos cotidianamente. Não apenas para tolerar o diferente, mas sobretudo aprender com ele. Fazer da diferença fundamento / conteúdo. Em contrapartida, temos de prestar atenção também para os limites de algumas tradições, principalmente aquelas que nos subjugam, que nos violentam em nossa própria condição humana. Como fazer da tradição movimento e mudança? Como romper e refutar tradições que preservam práticas de violência? Podem as mulheres ser impedidas de formação e se desenvolverem? Podemos em pleno século XXI não ter acesso a informação em rede? Podemos continuar reduzindo o sexo a práticas reprodutivas? Podemos não ter acesso à liberdade de expressão? Qual o limite entre o sujeito e seu coletivo? Uma pessoa que não queira ou não se identifique com as tradições de sua comunidade deve ser eliminada e ou subjugada por ela? Como nós, professores, podemos dialogar com a potência e os limites das tradições que compõem nossas salas de aulas presenciais e online? De que forma a escola e as universidades públicas, laicas e de qualidade podem efetivamente forjar currículos interculturais? Será que podemos viver e conviver com mundos e racionalidades em que o poder fica centrado nas mais diversas expressões do patriarcado? Mesmo tendo estudado e vivido em mundos interculturais, porque ainda reforçamos as mazelas de nossas tradições, inclusive aqueles que vivem do seu fundamentalismo histórico? Essa minissérie é um convite ao pensamento e a formulação de muitas questões. Sem questões não temos

disparadores para mudanças e estas movem nossos mundos.

Link para conversarmos sobre e com a obra: https://www.instagram.com/p/B-S5eVfj_t6/?utm_medium=copy_link



... **“Homem-absorvente”, filme dirigido por R. Balki**

Da narrativa cinematográfica eu não gosto. Achei *over* e caricata. Além de atuações que beiram à canastrice. Por outro lado, a história e seu conteúdo são ótimos para o importante debate. Precisamos ter absorventes na cesta básica! Temos de ofertá-los nas escolas públicas de todo o país. Temos de debater a menstruação e a nossa relação com ela. Temos de conversar e falar sobre esse tema tão importante e que provoca muitas violências. Menstruação é vida! Menstruação é subjetivação! Pena que o patriarcado nos

destrói também por esta singularidade feminina.  Precisamos de aliados que discutam e aprendam conosco. Vamos levar esse filme para nossas ambiências formacionais. Trata-se de tema da e para a escola básica discutir e problematizar! Assisti no ano passado e não partilhei porque só costumo partilhar filmes bons em conteúdo e forma. Mas acho que vale a pena até para falarmos sobre linguagem cinematográfica pelo mundo. Os indianos têm também avançado nisso... 

Link para conversarmos sobre e com a obra: https://www.instagram.com/p/CKHKBDEJr4w/?utm_medium=copy_link



“Rita”, série dinamarquesa criada por Christian Torpe



Acabei de maratona a quinta temporada de *Rita*! Vi tudo! Gostei da série como um todo e fui acompanhando sempre. Mas eu amei em especial a quinta temporada. Teve um pouco de tudo: *fake news*, violência doméstica, suicídio... Temas do nosso tempo. Rita é uma mulher livre, lida bem com seu corpo e seus desejos. Não tem papas na língua e foge aos padrões professorais. Inova nas práticas e nos modelos de gestão escolar. Sabe bem impor limites e foge dos estereótipos da “professorinha”. Até lembrei de uma máxima freiriana: “Professora, sim; tia; não”. Seu lema é “salvar as crianças de seus pais”. Reflexões familiares são incríveis. Uma das temporadas reconstrói a própria reação da Rita com seus pais e sua mãe (reação esta é costura as primeiras temporadas). Fui vendo aos poucos. Vi a Rita envelhecer inclusive kkkk. Recomendo para quem começou agora ir intercalando com outras coisas... Será *overdose* de escola...

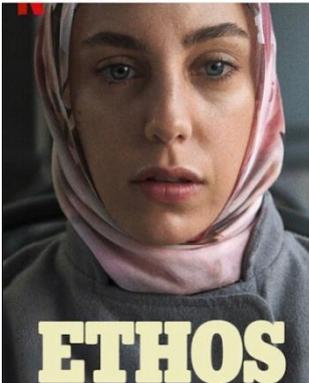
Link para conversarmos sobre e com a obra: https://www.instagram.com/p/CE1CrglJmZi/?utm_medium=copy_link



“Ethos: 8 em Istambul”, série turca dirigida por
dirigida por Berkun Oya

 measantos

...



Gosto muito de narrativas com medicações terapêuticas em contextos culturais diversos. Boas conversas e temas em rede. Em *Ethos* a rede que conecta as personagens é incrível e faz com que o roteiro seja surpreendente, apesar de suas muitas previsibilidades.

A diferença grita e se impõe em tantas disputas, tensões, táticas e subversões culturais. Urbano que tenta ser cosmopolita disputa visceralmente com memórias e histórias construídas nas comunidades tradicionais. Patriarcado, doenças mentais, relacionamentos, famílias, papéis de gênero,

religião que comanda vidas são temas e costumam essa narrativa de um jeito tão competente cinematograficamente. Adorei roteiro, atuações, locações, figurinos. Bom demais ter acesso a outras formas de fazer audiovisual. Artistas tão diversos mostrando seus trabalhos de forma globalizada. Ampliar repertórios, o cinema pode tanto...

Link para conversarmos sobre e com a obra: https://www.instagram.com/p/CHoK6BUpQ3R/?utm_medium=copy_link



Referências

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Santo Tirso, Portugal: Whitebooks, 2014.

_____. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Teresina: EDUFPI, 2019.

MADDALENA, Tania Lucía. *Digital storytelling na formação de professores*. Tese de doutorado, 2018.

MARTINS, Vivian. *Pedagogia da hipermobilidade*. Projeto de tese, versão de qualificação. 2018.

Um livro no coração do seu tempo! Os ensaios de Edméa Santos analisam os impactos que a pandemia da Covid-19 produziu em nosso país do ponto de vista de uma mulher educadora que pensa uma educação online crítica e democrática.

Os temas não poderiam ser mais instigantes: reinventar as salas de aulas e a educação on-line, pensar os ciberfeminismos e o protagonismo das mulheres na cultura digital, se contrapor as fake news e ao racismo, analisar a realidade educacional em meio a uma pandemia que colocou limites, trouxe exaustão, mas também abriu o horizonte dos possíveis.

Quando comunidades inteiras de professores e estudantes tiveram que pactuar novas formas de estarem juntos, um acontecimento disruptivo e planetário, essas narrativas ativistas e afetivas, com post, prints, links para lives e ilustrações belíssimas, se tornam mais que uma análise acadêmica, são um testemunho dessas conversas em rede que nos fazem ver o que uma época tem de singular e de intolerável e faz emergir novas possibilidades de vida.

Ivana Bentes

@ivanabentes

Professora titular da Escola de Comunicação e Artes da UFRRJ
Pró-reitora de Extensão

